

UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

GUILHERME GRITTI PAULI

**TRAJETÓRIAS ESPORTIVAS, ESCOLARES E DE VIDA: HISTÓRIAS DE EX-
ATLETAS DE FUTEBOL PROFISSIONAL**

FREDERICO WESTPHALEN - RS

2022

GUILHERME GRITTI PAULI

**TRAJETÓRIAS ESPORTIVAS, ESCOLARES E DE VIDA: HISTÓRIAS DE EX-
ATLETAS DE FUTEBOL PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Frederico Westphalen.

Orientadora: Profa. Dra. Jaqueline Moll.

FREDERICO WESTPHALEN - RS

2022

GUILHERME GRITTI PAULI

**TRAJETÓRIAS ESPORTIVAS, ESCOLARES E DE VIDA: HISTÓRIAS DE EX-
ATLETAS DE FUTEBOL PROFISSIONAL**

**Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre, pelo
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*
em Educação da Universidade Regional
Integrada do Alto Uruguai e das Missões –
URI – Campus de Frederico Westphalen.**

_____, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Jaqueline Moll (Orientadora)

(Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI)

Prof. Dr. Arnaldo Nogaro

(Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI)

Prof. Dr. Vicente Molina

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS)

P351t Pauli, Guilherme Gritti

Trajetórias esportivas, escolares e de vida : histórias de ex-atletas de futebol profissional / Guilherme Gritti Pauli. – 2022.

86 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen, 2022.

“Orientação: Profa. Dra. Jaqueline Moll.”

1. Ex-jogadores profissionais de futebol. 2. Educação escolar. 3. Inserção social. 4. Período pós-carreira. I. Moll, Jaqueline. II. Título.

CDU 37

Catálogo na fonte: Bibliotecária Karol de Rosso Strasburger CRB 10/2687.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de apresentar meus sinceros agradecimentos àqueles que estiveram comigo e me acompanharam durante toda a trajetória, auxiliando na realização deste trabalho.

Agradeço a Deus e à Nossa Senhora, por me capacitarem e protegerem.

Agradeço aos meus pais, Ildo e Graciela, e à minha irmã Carolina, pelo apoio durante esta jornada.

Agradeço à minha família e aos meus amigos, principalmente minhas tias Isabel e Silvana e meu tio Vágner. Já fui citado nos agradecimentos de vocês e hoje sou capaz de retribuir. Vocês são inspiração!

Agradeço à Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), instituição à qual estou vinculado desde a graduação e pela qual tenho muito carinho.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Jaqueline Moll, por me guiar durante o caminho e por compartilhar seus conhecimentos.

Agradeço aos professores que compõem a Banca Examinadora, Prof. Dr. Arnaldo Nogaró e Prof. Dr. Vicente Molina, por suas contribuições para este trabalho.

Agradeço aos colegas, principalmente à Chana, ao Adriano, à Carol e à Jusci, com quem pude partilhar as vivências do mestrado.

Agradeço aos sujeitos da pesquisa, pela disponibilidade e compreensão, pois, sem vocês, nada seria possível.

Agradeço ao futebol, por ter me proporcionado muitas experiências.

Agradeço à Academia Arena e aos meus colegas de trabalho, por cobrirem minha escala, para que eu pudesse assistir às aulas.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, serei eternamente grato!

RESUMO

O presente estudo buscou compreender quais os impactos da formação escolar na carreira e no pós-carreira do jogador de futebol profissional. Compreendemos como “período pós-carreira” o final da trajetória como atleta, diferentemente de aposentado. Nesse período, o indivíduo está apenas afastado das atividades esportivas na esfera profissional. Entretanto, em sua grande maioria, os atletas seguem outro caminho profissional para manter seu sustento, o de suas famílias e a possibilidade de uma vida digna. Partimos do entendimento de que a carreira de jogador de futebol profissional é de curta duração, geralmente encerrada antes dos 40 anos de idade. A literatura nos mostra que, durante esse período em atividade, investe-se, prioritariamente, na formação esportiva, principalmente nas faixas etárias perto da profissionalização e durante a trajetória profissional, preterindo-se a educação escolar, que fica em segundo plano. Dificuldades de agenda, esgotamento físico relacionado a jogos e treinamentos e o próprio desejo do atleta de investir sua energia no esporte são motivos para as dificuldades de conciliação entre a formação esportiva e a escolar. Realizou-se uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo e descritivo, por meio de entrevistas semiestruturadas, com 5 ex-jogadores de futebol profissional, selecionados por meio de amostragem por tipicidade ou intencional. A análise do material obtido foi realizada utilizando-se a análise textual discursiva. O estudo demonstra o quanto é importante o papel da educação na carreira e, principalmente, no pós-carreira dos jogadores profissionais de futebol. Questões relacionadas à conciliação entre estudos e esporte podem ser superadas, mas estão relacionadas à dedicação para com os estudos. Escola clubística e compreensão dos professores são alguns dos facilitadores. A formação intelectual que os atletas adquiriram durante suas trajetórias serviu como um facilitador para a reinserção no concorridíssimo mercado de trabalho e na vida social fora do futebol também.

Palavras-chave: Ex-jogadores profissionais de futebol. Educação escolar. Inserção social. Período pós-carreira.

RESUMEN

El presente estudio buscó comprender cuáles son los impactos de la formación escolar en la carrera y en el post-carrera del futbolista profesional. Comprendemos como "período post-carrera" el final de su trayectoria como atleta, diferentemente de jubilado. En este período, el individuo está solo alejado de las actividades deportivas en la esfera profesional. Sin embargo, en su gran mayoría, los atletas siguen otro camino profesional para mantener su sustento, el sustento de sus familias y la posibilidad de una vida digna. Partimos del entendimiento de que la carrera de jugador de fútbol profesional es de corta duración, generalmente cerrada antes de los 40 años de edad. La literatura nos muestra que, durante ese período en actividad, se invierte prioritariamente en la formación deportiva, principalmente en los grupos de edad cerca de la profesionalización y durante la trayectoria profesional también, pretiriéndose la educación escolar, que queda en segundo plano. Dificultades de agenda, agotamiento físico relacionado a juegos y entrenamientos y el propio deseo del atleta de invertir su energía en el deporte son motivos para las dificultades de conciliación entre la formación deportiva y la escolar. Se realizó una investigación de campo, de cuño cualitativo y descriptivo, por medio de entrevistas semiestructuradas, con 5 ex-jugadores de fútbol profesional, seleccionados por medio de muestreo por tipicidad o intencional. El análisis del material obtenido se realizó utilizando el análisis textual discursiva. El estudio demuestra lo importante que es el papel de la educación en la carrera y, sobre todo, en la post-carrera de los jugadores profesionales de fútbol. Las cuestiones relacionadas con la conciliación entre los estudios y el deporte pueden superarse, pero están relacionadas con la dedicación a los estudios. Escuela clubística y comprensión de los profesores son algunos de los facilitadores. La formación intelectual que los atletas adquirieron durante sus trayectorias actuó como un facilitador para reinserción en el concurrido mercado de trabajo y en la vida social fuera del fútbol también.

Palabras clave: Ex jugadores profesionales de fútbol. Educación escolar. Inserción social. Período post-carrera.

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1 - Perspectiva geral do Estado do Conhecimento – todos os descritores	67
Gráfico 2 - Número de trabalhos selecionados por base de dados	68
Gráfico 3 - Trabalhos divididos por nível acadêmico	69
Gráfico 4 - Trabalhos selecionados por ano de defesa	70
Gráfico 5 - Divisão dos trabalhos de acordo com o programa de pós-graduação	71
Quadro 1 - Produções acadêmicas relacionadas ao tema de pesquisa.....	72
Quadro 2 - Produções acadêmicas relacionadas indiretamente ao tema de pesquisa.....	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATD – Análise Textual Discursiva

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

COVID – 19 – *Coronavirus Disease 2019*

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FIFA – Fédération Internationale de Football Association

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

OMS – Organização Mundial de Saúde

PIB – Produto Interno Bruto

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SARS-Cov-2 – *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus-2*

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 A INSTITUIÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL E AS CIFRAS DO ESPORTE	16
2.1 Aspecto econômico do futebol	17
2.2 Reflexos da sociedade no esporte: desigualdade.....	19
2.3 Indústria cultural.....	21
3 ESCOLA E DESENCANTO	23
3.1 Dificuldades do futebol “real” e o período pós-carreira.....	27
4 METODOLOGIA.....	31
4.1 Desenho metodológico da pesquisa	31
4.2 Sujeitos da pesquisa.....	32
4.3 Os instrumentos de coleta e análise de dados	33
5 FUTEBOL E ESCOLARIZAÇÃO: POR DENTRO DO FENÔMENO.....	37
5.1 O início do sonho	39
5.2 O papel das mídias.....	41
5.3 Educação x treinamentos x tempo	43
5.4 A importância da educação	47
5.5 A carreira está encerrada! E agora?.....	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE A – Estado do conhecimento.....	66
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com os sujeitos da pesquisa	79
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	80
ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa.....	83

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta dissertação, intitulada “Trajetórias esportivas, escolares e de vida: histórias de ex-atletas de futebol”, visa compreender como os atletas de futebol profissional veem o papel da educação na carreira e no pós-carreira e quais os impactos da educação em relação à inclusão na sociedade e no mercado de trabalho no período pós-carreira.

A investigação deu-se no “período pós-carreira”. Compreendemos como “período pós-carreira” o final da trajetória do jogador como atleta, situação diferente da de aposentado. Nesse período, o indivíduo está apenas afastado das atividades esportivas na esfera profissional. Entretanto, em sua grande maioria, os atletas seguem outro caminho profissional, para manter seu sustento, o de suas famílias e a possibilidade de uma vida digna. Faz-se referência aos atletas como “a grande maioria” pois, como será abordado no decorrer deste trabalho, tem-se ciência de que a maior parcela dos atletas inseridos no universo do futebol profissional não terá a estabilidade e a segurança financeira garantidas para o resto da vida no período pós-carreira, necessitando seguir economicamente ativa em outras profissões.

No contexto do futebol profissional brasileiro, existem realidades com diferenças colossais, às vezes até passando a impressão de que são esportes diferentes, dependendo da condição da agremiação, ao contrário do que, frequentemente, é mostrado pelas mídias em geral. Culturalmente, na sociedade brasileira, os jogadores profissionais de futebol são vistos como aqueles que ocupam o topo da pirâmide social, donos de grande talento, por meio do qual foram capazes de gerar muita riqueza econômica, popularidade, muito prestígio e conforto. Não podemos negar que isso é verdade, mas apenas para uma pequena quantidade de profissionais entre todos os atletas, sendo esses os que são mostrados na mídia. São raras as oportunidades em que os clubes de futebol de condições precárias, com folha de pagamento e orçamento baixos, que mal fornecem condições decentes para o desenvolvimento do esporte e que, de fato, são a maioria, tenham grande visibilidade nos meios de comunicação de maior alcance.

Justamente a situação descrita é que contribui para a formação de uma “cortina de fumaça” entre o que é a realidade do futebol profissional, na qual estamos acostumados a acreditar, e o que realmente acontece na maioria dos clubes. É esta versão da realidade que a mídia prefere mostrar, a dos grandes do futebol, pois, também, é a que mais produz receita, é o produto com maior demanda. As grandes e tradicionais equipes do futebol brasileiro possuem uma enorme legião de fãs. Esses são, também, consumidores e o principal alvo das instituições, tanto esportivas quanto midiáticas. Um exemplo bem claro disso é o amplo engajamento do público dos times grandes em relação aos de pequeno porte. O torcedor/consumidor prefere

investir seu dinheiro no time grande, ainda que de longe, como, por exemplo, naqueles das capitais dos estados¹, pela confiança de que o investimento terá retorno na forma de um espetáculo dentro de campo. Isso nem sempre acontece, mas as possibilidades são maiores do que em relação aos times menos expressivos, que não têm tanto poder aquisitivo para contar com grandes talentos.

É justamente aí que se inicia um efeito cascata, que pode lesar a formação integral dos aspirantes a atleta no longo prazo. Os jovens que resolvem candidatar-se às vagas amplamente disputadas nas categorias de base dos clubes de futebol, de qualquer clube, são seduzidos por essa imagem transmitida do jogador famoso, bem-sucedido. À medida que avançam na carreira, como iremos discutir mais adiante, quanto mais perto da profissionalização, mais investem na carreira esportiva e menos na formação escolar/acadêmica. Depois de profissionalizados, a situação continua a mesma.

Se tiverem sorte e competência, é claro, de fato, seguirão o caminho do estrelato e terão sua segurança financeira garantida. No entanto, de acordo com os dados levantados no decorrer deste trabalho, poucos trilharam esse caminho, muito poucos. Dessa forma, a maior parte atuará em clubes de menor expressão, ganhando salários pouco atrativos e necessitando participar de uma troca constante de equipes, já que o calendário das equipes menores, geralmente, não compreende os 12 meses do ano. Essa troca constante de clubes é outro fator que dificulta ainda mais a escolarização; afinal, sem a garantia de emprego durante o ano todo, torna-se complicado assumir um compromisso com uma instituição de ensino, sem ter a certeza de que se conseguirá honrar o compromisso futuramente.

Em uma carreira relativamente curta, que, geralmente, é encerrada antes de o atleta completar 40 anos, salvo algumas exceções, o indivíduo que não garantiu sua estabilidade financeira, certamente, terá de seguir trabalhando em outra atividade, para garantir seu sustento e uma vida digna para sua família, no caso dos que formaram uma. Nesse momento, começam a aparecer as consequências das escolhas feitas no passado. À medida que acumularam muito capital futebolístico, será que fizeram o mesmo em relação ao capital intelectual? Será possível a reconversão para outras áreas ou esse capital é demasiadamente específico?

Entre **as motivações que provocaram a pesquisa** está o fato de pesquisar-se muito em relação ao futebol o que diz respeito à parte técnica, funcional e física. Falando no esporte mais

¹ Prática muito comum de ser observada em torcedores de futebol, que, mesmo residindo em uma cidade interiorana, às vezes, muito distante da capital (onde, geralmente, estão sediados os maiores clubes de cada estado), preferem investir seu dinheiro e tempo na grande equipe, associando-se e viajando para assistir aos jogos, deixando a equipe local, mais acessível logisticamente e financeiramente, em segundo plano, colaborando ainda mais para aumentar as desigualdades já presentes nesse cenário.

popular do planeta, é normal que a inovação seja constante, em busca de aumento de performance, havendo cada vez um número maior de estudos que buscam identificar os benefícios do desporto. A tecnologia aplicada ao desempenho esportivo já se faz presente no futebol profissional há um tempo considerável.

O esporte de rendimento preocupa-se apenas com o resultado, com o melhor desempenho possível. Treinamento de alto nível, recuperação de atletas, nutrição esportiva, otimização dos resultados e outros tópicos são de alta relevância para quem busca vencer nesse contexto. De fato, atletas de elite, não só no futebol, mas citado aqui por estar no escopo deste estudo, vivem uma rotina automatizada, um tanto quanto robótica, transformando o homem em uma máquina de desempenho, sempre procurando superar o adversário e quebrar recordes esportivos, financeiros, de popularidade, etc.

Porém, abrem-se algumas lacunas a serem exploradas em relação ao que diz respeito à escolarização dos atletas de futebol profissional e ao período pós-carreira deles, juntamente com todo o processo que é demandado por isso. Esquece-se, às vezes, de que estamos lidando com seres humanos, de que um dia essas carreiras serão encerradas e eles deverão continuar a vida em outro ofício.

A inquietude do pesquisador em relação ao tema já vem de longa data. Explico a seguir alguns dos motivos que me levaram a pesquisar sobre essa temática. Quase a totalidade da minha vida, até o momento, foi dedicada a ser atleta de futebol e estudante ao mesmo tempo. Iniciei minha trajetória no futebol por meio do Ypiranga Futebol Clube, na cidade de Erechim, estado do Rio Grande do Sul. Boas atuações nas categorias de base do clube levaram-me a um dos dois gigantes do estado, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, no ano de 2010, com 13 anos de idade, na época. Foram ótimos seis anos tendo o tricolor como minha casa, quando, no ano de 2016, retornaria ao meu primeiro clube, o Ypiranga, agora com 19 anos de idade, não mais para as categorias de base, mas sim para a equipe principal.

No meu retorno ao clube de Erechim, atuei por mais três anos, até o ano de 2019, quando concluí a graduação em educação física e decidi encerrar minha carreira. Desses anos em que estive inserido no ambiente do futebol, experimentei vivências, realidades, experiências únicas, coisas que só tenho a agradecer por ter conhecido esse esporte. Refiro-me a essas experiências tanto no âmbito esportivo, quanto escolar e social.

Antes da saída para Porto Alegre, estudava em escola particular, no Colégio Franciscano São José, em Erechim. Na capital, terminei o ensino fundamental na rede pública, no Colégio Estadual de Ensino Fundamental Professor Olintho de Oliveira. Ainda na rede pública estadual, concluí o 1º ano do ensino médio no Colégio Estadual Protásio Alves. A reta final do ensino

médio concluí na modalidade da educação clubística, em uma parceria entre o clube e o Colégio Unificado.

Após concluir o ensino médio, ingressei no curso de educação física da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (PUC/RS). Posteriormente, transferei o curso para a Universidade La Salle, em Canoas, novamente devido a uma parceria entre clube e instituição. Finalmente, concluí a graduação na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI Erechim). Essa trajetória evidencia um dos aspectos que dificultam a escolarização dos atletas de futebol, o fator de troca de clubes, ficando o atleta refém da própria carreira no que diz respeito à continuação dos estudos. Confesso que não é uma situação confortável, mas mantive-me firme. Minha família, em sua grande maioria, é formada por professores, e o incentivo para conciliar esporte e estudos partiu, principalmente, dessa fonte.

Em relação às socializações que fiz durante esse período, entre colegas de clube e escola, funcionários dos clubes, professores, treinadores e colaboradores, posso afirmar que foram diversas e dos tipos mais variados. Destaco a pluralidade de personalidades presentes nesse desporto, certamente o mais global entre todos os esportes.

Nesse contexto, convivi com uma diversidade muito grande de atletas. Alguns em início de carreira, outros perto do encerramento de suas trajetórias esportivas, atletas de diversas crenças, diversos costumes e de diferentes localidades, inclusive vindos do estrangeiro. Apesar dessa diversa gama de indivíduos com quem tive a oportunidade de conviver, um fato que sempre foi muito chamativo era o não interesse, pelo menos da maioria dos meus colegas de profissão, em estender suas possibilidades de qualificação intelectual. Reforço que sempre fui incentivado por parte de minha família a continuar estudando; entretanto, percebia, em relação aos meus colegas, um foco quase totalmente centrado na carreira como jogador de futebol.

Dessa forma, definimos o seguinte **problema de pesquisa**: quais os impactos da formação escolar na carreira e no pós-carreira do jogador de futebol profissional?

Para auxiliar o processo de investigação, foram propostas algumas **questões norteadoras da pesquisa**: I) qual a relação dos jogadores de futebol profissional com os processos de escolarização?; II) quais os motivos que esses jogadores de futebol têm para (uma possível) não qualificação escolar?; III) na visão dos jogadores de futebol profissional, a educação (escolar) tem papel relevante nas suas carreiras?; IV) há relação do desempenho esportivo do jogador profissional de futebol e a sua trajetória escolar?

Essas indagações propostas são essenciais para o desenvolvimento do trabalho e para determinar os **objetivos da pesquisa**. Como objetivo geral, procuramos como os atletas de futebol profissional compreendem o papel da educação na carreira e no pós-carreira e quais os

impactos desta na inclusão na sociedade e no mercado de trabalho no período pós-carreira. Os objetivos específicos elaborados foram: I) compreender a importância que os atletas atribuem à sua formação escolar durante o período em que estão exercendo sua atividade profissional; II) identificar as estratégias que os jogadores de futebol utilizam para conciliar a formação escolar acadêmica com a formação esportiva; III) analisar, após o término da carreira, qual o impacto da formação intelectual durante a vida para a inclusão social e a continuidade da inserção no mercado de trabalho.

O **percurso metodológico** construído foi de cunho qualitativo, pelo fato de a pesquisa não tratar apenas de dados numéricos, mas por permitir a realização de uma coleta de dados sobre manifestações da realidade e das vivências humanas. Como a pesquisa visa descrever o fenômeno estudado, pode ser considerada também de caráter descritivo. Posteriormente, para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas compostas por nove perguntas abertas. As entrevistas foram realizadas de maneira presencial, em datas previamente agendadas, por meio de contatos feitos por meio das mídias sociais, em especial WhatsApp, Facebook e Instagram.

Para a revisão bibliográfica, autores da literatura clássica foram utilizados para fazer a aproximação com o objeto de estudo. Podemos citar autores como Carravetta (2012), Da Matta (1982) e Galeano (2009), Adorno (1995), Charlot (2006), Freire (1992 e 2005), Masschelein e Simons (2021), entre outros. Demais fontes também utilizadas foram a Constituição Federal (1988), a Lei nº 9.615 (1998), também conhecida como Lei Pelé, o Decreto 7.984 (2013), relatório de desenvolvimento humano (2019), além de dados extraídos do IBGE.

Para a análise de dados, optou-se pela Análise Textual Discursiva, forma de análise que transita entre a Análise de Discurso e a Análise de Conteúdo. Essa forma qualitativa de análise consiste na desmontagem dos textos, o que pode ser designado de unitarização, no estabelecimento de relações de categorização e na captação do novo emergente de comunicação, sendo esses três elementos responsáveis pela possibilidade do surgimento de novas compreensões, manifestando a ótica do pesquisador sobre o conteúdo da pesquisa. Foram formadas categorias por meio dos métodos dedutivo e indutivo.

Esta dissertação está organizada em seis capítulos. Após as considerações iniciais, são apresentadas, no segundo capítulo, reflexões sobre a chegada, instauração e organização do desporto futebol no contexto do Brasil, além de aspectos econômicos e sociais. Retrata-se como esse esporte chegou de forma elitizada ao país, no final do século XIX, com caráter excludente, já evidenciando a desigualdade desde o princípio. Com o crescimento do esporte tanto em

escala nacional como em escala global, a assimetria na divisão de riqueza acentuou-se, transformando o esporte futebol em um espelho dos problemas encontrados na sociedade.

O terceiro capítulo aborda, primeiramente, a relação entre os futebolistas e os clubes de futebol com a escola. São analisados dados que tratam dessa relação, bem como da importância atribuída à educação e da concorrência entre o tempo dedicado à formação profissional e à formação escolar. Também, destaca-se como as estruturas do futebol brasileiro são privilegiadas somente para alguns, expondo as dificuldades que alguns atletas são obrigados a passar durante a carreira, e a fragilidade enfrentada pelas agremiações de menores expressões, agudizadas e evidenciadas em períodos como o de pandemia, por exemplo.

É apresentada a metodologia da pesquisa, no quarto capítulo, e, no quinto capítulo, são apresentadas as análises das entrevistas feitas com os participantes. Para a análise das entrevistas, utilizou-se o método de Análise Textual Discursiva, resultando em cinco categorias de análise, denominadas de: I) o início do sonho; II) o papel das mídias; III) educação x treinamentos x tempo; IV) a importância da educação; e V) a carreira está encerrada! E agora?. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 A INSTITUIÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL E AS CIFRAS DO ESPORTE

Futebol e sociedade no contexto do Brasil são amantes de longa data, porém tiveram um início conturbado. Nos primórdios, ainda era um esporte amador, vindo da Inglaterra, em meados dos anos 1890, mas logo assumiu um caráter excludente, elitista e racista, pois apenas as elites sociais detinham o monopólio da prática do esporte. Difundido, principalmente, nos colégios católicos, era praticado, majoritariamente, por jovens burgueses das grandes companhias inglesas e da sociedade paulista, jogado de maneira ainda pouco organizada. Pobres, negros e mestiços dificilmente eram vistos praticando futebol. (CARRAVETTA, 2012).

De acordo com Galeano (2009), em 1921, na copa América, disputada na Argentina, o então presidente brasileiro, Epitácio Pessoa, expediu um decreto de “brancura”, ordenando que nenhum jogador de pele morena jogasse a competição. Para o presidente, era interessante passar uma imagem elitizada do país, em que não cabiam não-brancos. Uma grande ironia, diga-se de passagem, pois, ainda segundo Galeano, após tantos anos, não é difícil comprovar que os melhores jogadores da história do Brasil foram negros ou mulatos, e a maioria de origem humilde.

Entretanto, a situação começou a mudar. Como nos conta Carravetta (2012), a prática do futebol passou a ser mais incentivada no meio fabril. Os diretores viam isso como uma forma de lazer, de distrair os operários da árdua jornada de trabalho e das condições precárias que tinham de enfrentar, além de disciplinar os trabalhadores, tanto que esse modelo deu origem a alguns clubes de futebol espalhados pelo Brasil. Percebe-se isso pela quantidade de clubes com o nome “Operário”. Ainda nessa linha de raciocínio, o autor afirma que a inclusão de vários jogadores de origem humilde na equipe bi-campeã carioca (1923 - 1924), do Vasco da Gama/RJ, marcou o final da discriminação das ligas de elite do futebol e o início da massificação do esporte.

O Vasco da Gama também é o clube proprietário do Estádio São Januário, estádio inaugurado em 1927, com aproximadamente 25 mil lugares, que foi o maior das Américas (até 1930, quando o Uruguai construiu o lendário Estádio Centenário, para a primeira Copa do Mundo) e foi o maior do Rio de Janeiro (até 1950, quando foi construído o Maracanã, também para uma Copa do Mundo). São Januário também é o estádio em que o ex-presidente Getúlio Vargas adorava discursar para a multidão, durante seu período comandando o país, e onde, em 1933, assinou a legislação que criou formalmente a profissão de jogador de futebol. Em São

Januário, Vargas ainda anunciou a criação do salário mínimo, da CLT e da Justiça do Trabalho, além de realizar diversas solenidades em alusão ao Dia do Trabalho.

Nessa época, o futebol já estava consolidado e massificado. Não por acaso, os estádios futebolísticos são os que comportam a maior capacidade de público no território nacional. A resposta é óbvia. Qual outro desporto mobilizaria tanta gente para prestigiá-lo? Estima-se que, no dia 16 de julho de 1950, 200 mil almas estiveram presentes no Estádio Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro/RJ, então capital federal, para ver as equipes de Brasil e Uruguai disputarem a final da Copa do Mundo daquele ano. O Brasil saiu derrotado. A expectativa era imensa. Não é à toa, como diz Galeano (2009, p. 91), que os jornalistas esportivos brasileiros da época definiram o fato como “a pior tragédia da história do Brasil”.

A vitória causa a êxtase coletiva, a derrota, a tristeza. O futebol está enraizado em nosso cotidiano, tornando, de certa forma, quase impossível desmembrar o futebol da cultura e imagem do país. O antropólogo Roberto da Matta (1982) já discutia o assunto: “o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”. (DA MATTA, 1982, p. 21).

Na mesma linha de raciocínio, Carravetta (2012) afirma:

Como sabemos, os problemas organizacionais, tão corriqueiros na história do nosso futebol, não impediram que o esporte entrasse para o cotidiano do brasileiro, deixando mesmo de ser uma mera prática desportiva para se transformar em acontecimento cultural de primeira ordem – que chega se confundir com a própria imagem do Brasil. Espontaneamente, sem necessitar de planos estatais, conseguiu algo raro no país: envolveu regiões diversas com costumes inconciliáveis, e alcançou multidões espalhadas pelo território nacional. Os milhões de torcedores, a despeito de hábitos e linguajares tão discrepantes, aprenderam a linguagem única e as regras consolidadas do futebol. Se a marca do Brasil é a diversidade, tal não é a marca do nosso esporte: nesse terreno, a preferência pelo futebol é unânime. (CARRAVETTA, 2012, p. 35-36).

A influência do futebol no cotidiano é tão impactante que as regras do jogo, as atualizações do “mercado da bola” e o enredo do jogo passado estão sempre prontas para debate entre os torcedores, evidenciando como esse esporte é de dimensões titânicas em nossa nação.

2.1 Aspecto econômico do futebol

O futebol é uma instituição importante na sociedade brasileira, não restam dúvidas. E não tardou para o mercado absorver o futebol como um produto. Uma prática com tamanho potencial econômico não poderia ser desperdiçada. Carravetta (2012, p. 59) destaca a

“incorporação do futebol no rol de produtos do mercado de entretenimento”. Só no Brasil, no ano de 2018, o futebol contribuiu com 0,72% ao valor do PIB nacional, ou 52,9 bilhões de reais, além de ter proporcionado a geração de cerca de 156 mil empregos, considerando setores de alimentação e bebidas, hotelaria, *matchday*, entre outros. (CBF, 2018).

O futebol gera muita riqueza. Carvalho (2015) argumenta, baseado no censo do futebol realizado pela FIFA em 2006, que, caso o futebol se materializasse em uma nação, estaria entre as 15 maiores economias do mundo, com possibilidade de chegar no Top-10, movimentando algo em torno de 600 bilhões de dólares na época. Carvalho (2015, p. 71) ainda afirma que “conceitos amplos de natureza econômica, como internacionalização e globalização, objetos de fartos estudos e profecias dos teóricos das finanças do século XX, nunca pegaram o futebol de surpresa”. Essa postura diante do cenário mundial permitiu ao futebol criar uma cultura própria, favorável ao intercâmbio, superando as barreiras étnicas, religiosas e políticas, difundindo fortemente o desporto pelos quatro cantos do mundo. Isso vai ao encontro da perspectiva de Carravetta (2012, p. 55), segundo a qual “a FIFA transformou o futebol contemporâneo numa atividade economicamente ativa, que movimenta uma quantia superior a US\$ 4 bilhões por ano, e responde a uma demanda de contínua evolução que intervém em diversas atividades empresariais”.

Como já dizia Galeano (2009, p. 40): “Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais”. Apesar das monstruosas cifras, os atletas profissionais de futebol, ou pelo menos parte deles, sofrem com o descaso praticado pelos clubes e pelas más condições de trabalho e remuneração. Desde o início deste esporte foi assim. Como já citamos, o futebol possui uma cultura própria e, no Brasil, essa cultura está mais enraizada e difundida ainda, fazendo parte do cotidiano e dos costumes das agremiações.

Carravetta (2012) relata que, nos primeiros anos do desporto em solo brasileiro, como ainda possuía um caráter amador e os campeonatos eram muito primitivos, a profissão de jogador de futebol profissional não era regulamentada e os atletas não recebiam salários propriamente ditos. Os primeiros que começaram a receber pagamentos pelos seus esforços em campo foram os melhores jogadores-operários, sendo gratificados pelos seus superiores com vantagens financeiras e na jornada de trabalho, levando em consideração que eles ainda eram funcionários das fábricas e praticavam o esporte como uma função secundária. Carravetta (2012, p. 31) descreve o fenômeno da seguinte forma: “Desse modo, os jogadores-operários foram os primeiros a lucrar com as gratificações, marcando o início de uma política paternalista que passaria a fazer parte da cultura do nosso futebol”.

Com a legislação que criou formalmente a profissão de jogador de futebol, em 1933, começou-se a assumir uma imagem mais profissional da ocupação. Entretanto, pode-se dizer que o amadorismo ou semiamadorismo continua em muitas agremiações futebolísticas espalhadas pelo país.

Damo (2007) já observava que, de todos os clubes de futebol profissionais brasileiros credenciados à FIFA, apenas 20 clubes têm a preferência de 90% dos torcedores, revelando um potencial comercial desigual em relação aos outros clubes e, juntamente com isso, uma concentração dos melhores e mais bem remunerados postos de trabalho. Falando de dados mais atuais, o estudo “Impacto do futebol brasileiro”, realizado pela consultoria Ernst Young, para a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no ano de 2018, mostra-nos que os clubes brasileiros arcaram com salários na faixa de 1 bilhão de reais e apenas 7% dos atletas concentram 80% desse montante, ou seja, 800 milhões. Outro dado importante é que 55% dos atletas profissionais recebem aproximadamente um salário mínimo.

Melo *et al.* (2016, p. 3) exemplifica bem a situação:

A pirâmide salarial do futebol brasileiro é outro indicador que põe à prova as condições de mobilidade social e econômica pretendida com esse esporte. Em 2009, 84% dos atletas profissionais recebiam até R\$ 1.000,00; 13% tinham ganhos entre R\$ 1.000,00 e R\$ 9.000,00; e 3% obtiveram vencimentos mensais acima dos R\$ 9.000,00. Esses dados não sofreram mudanças significativas desde meados da década passada [...]. Observemos que, para a maior parte dos casos, estamos diante de salários que podem estar aquém das aspirações e dos modelos midiáticos de atletas do futebol. Por essa razão, questionamos como um esporte com tão poucas oportunidades concretas para o acesso e permanência nos postos de trabalho desperta o interesse de tantos jovens em idade escolar.

Os postos bem remunerados são escassos e de concorrência acirrada. Alcançá-los pode significar a glória, mas isso demanda dedicação. Necessita-se de tempo de dedicação para vencer essa corrida esportiva, visando à estabilidade financeira. Quem preferir relegar os estudos em favor unicamente do esporte, aposta alto em algo incerto. Em caso de sucesso, provavelmente, será garantida a estabilidade financeira que tanto almeja; caso contrário, a estatística de má distribuição de renda no esporte continuará crescendo.

2.2 Reflexos da sociedade no esporte: desigualdade

Apesar daquilo que podemos chamar de cifras astronômicas, a divisão da riqueza total movimentada pelo futebol profissional encontra-se distribuída de forma extremamente irregular. Dessa forma, apenas a menor parcela dos atletas profissionais de futebol no Brasil é capaz de garantir sua estabilidade financeira e a possibilidade de aposentar-se com uma

razoável segurança material. A maioria deve continuar a trabalhar em outras profissões no período pós-carreira. Uma prova disso são os casos de atletas importantes e conhecidos, muitos que representaram o selecionado nacional, que acabam passando por dificuldades ao término da carreira, tanto por falta de planejamento financeiro quanto pelo fato de o salário recebido na época de atleta não poder proporcionar um futuro tranquilo.

Um exemplo, como narrou Galeano (2009), é o do goleiro Barbosa, titular de meta brasileira durante a copa do mundo de 1950. Apesar do controverso gol sofrido na final, que culminaria no título do Uruguai em cima do Brasil, Barbosa foi um dos melhores goleiros de sua época. Em 1993, ao visitar a concentração da seleção brasileira, que disputava as eliminatórias para a copa do mundo do ano seguinte, acabou barrado, sob a justificativa de que traria má sorte ao grupo. Nas palavras de Galeano (2009, p. 94): “Naquela época, vivia de favor na casa de uma cunhada, sem outra renda além da aposentadoria miserável”.

Analisando mais friamente a situação, o fato de haver má distribuição de renda no futebol brasileiro não é algo tão surpreendente. Nesse quesito, podemos fazer um paralelo direto com as outras camadas da sociedade. De acordo com os dados do Relatório de Desenvolvimento Humano, de 2019, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), no Brasil, o 1% mais rico concentra 28,3% da renda total do país (fazendo do país o segundo colocado no quesito má distribuição de renda, atrás apenas do Catar).

O motivo pelo qual a desigualdade é tão difícil de quebrar é o círculo vicioso que constitui. O desequilíbrio de poder que a concentração da riqueza acarreta — e a sua interação com a política, a economia, a sociedade e as narrativas — possibilita mais concentração da riqueza e o agravamento do desequilíbrio de poder. É este último que importa para a retificação da injustiça. (RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2019, p. 248).

Números nada animadores. Esses dois universos muito distintos escancaram a desigualdade presente no Brasil como sociedade e também na esfera do futebol. Segundo os dados citados da CBF, em 2018, 80% de toda a riqueza gerada no futebol brasileiro concentrava-se em 7% do total de atletas. De fato, o maior contingente de atletas profissionais no futebol não receberá uma remuneração tão alta, de modo a se permitir retirar do mercado de trabalho de forma definitiva ao final de sua trajetória como esportista. A situação parece ficar mais delicada ainda quando temos a consciência de que 55% desse contingente receberá aproximadamente um salário mínimo.

Então, mesmo com essa realidade complicada para a maioria, tanto financeira quanto estrutural, o que leva tantos jovens a apostar todo seu futuro na carreira de jogador de futebol profissional? Provavelmente, existem alguns fatores que levam a essa escolha; porém, o papel

da mídia é fundamental nesse segmento. Com o alcance de incontáveis espectadores, a mídia, principalmente a televisiva, é mestra em moldar opiniões da maneira que desejar. O geógrafo brasileiro Milton Santos (2014, p. 30) já alertava: “quem olha a televisão com algum senso crítico já deve ter-se apercebido dessa forma de manipulação dos acontecimentos”.

2.3 Indústria cultural

O filósofo alemão Theodor W. Adorno nos traz o conceito de indústria cultural, segundo o qual “a indústria cultural expressa a forma repressiva da formação da identidade da subjetividade social contemporânea”. (ADORNO, 1995, p. 20). O autor continua: “existe uma espécie de função formativa ou deformativa operada pela televisão como tal em relação à consciência das pessoas”. (ADORNO, 1995, p. 76). Ele acrescenta ainda: “ela seguramente contribui para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência dos espectadores”. (ADORNO, 1995, p. 77). Em outras palavras, a própria forma de organização é manipulatória, subordinando os espectadores à realidade vigente.

Em relação à influência midiática na imagem do futebol, Amaral *et al.* (2007) relatam que a influência da mídia esportiva, que enfatiza, principalmente, o lado "positivo" da profissão, destacando o sucesso de alguns dos nossos principais jogadores, faz com que muitos jovens, seduzidos por uma vida social de status e independência financeira e incentivados também por seus pais, visualizem a carreira de jogador de futebol profissional como uma das mais promissoras. No entanto, será que se pode acreditar em todas as "maravilhas" relacionadas ao futebol profissional? Será que a carreira futebolística pode realmente ser considerada tão promissora?

As ideias de Amaral e colaboradores seguem na mesma linha de Rottmann (2012), que diz que o conteúdo apresentado pelas mídias faz com que o público passe a enxergar o futebol como um abre-portas para a realização de sonhos, influenciando as aspirações dos jovens que almejam ingressar nos clubes do futebol brasileiro. Por outro lado, a parte negativa, como os insucessos e as carreiras encerradas prematuramente, é silenciada pela mídia.

Essa cortina de fumaça formada em torno da imagem do jogador de futebol profissional, no Brasil, atrai uma quantidade significativa de jovens aspirantes a uma das concorridas vagas em um dos clubes. De certa forma, podemos afirmar que existe uma romantização da imagem do futebolista, como já discutido, de um atleta bem-sucedido, popular, com condições financeiras muito acima da média e admirado pela sociedade. Porém, segundo os dados já

mencionados, baseados nos vencimentos dos atletas, essa será uma realidade possível somente para alguns poucos, muito poucos.

Existe muita coisa boa proporcionada pelos meios de comunicação. Eles ajudam a divulgar o esporte e, no caso de atletas atuantes em menores clubes, já com a carreira em andamento, os veículos comunicativos de menor impacto podem ajudar na divulgação do seu trabalho, mas estão longe de resolver suas carreiras com isso. Esses mesmos atletas, em clubes pequenos agora, podem ter sido levados a uma carreira futebolística por influência midiática, por querer ser igual ao “ídolo que ele vê na televisão”. Estaria tudo bem se não houvesse toda a parte ruim que não foi vista ou se preferiu ignorar. E, nesse processo, a escola foi ignorada também?

O desejo de alcançar o sonho de calçar as chuteiras permite aos pretendentes serem pegos nas armadilhas que a realidade manipulatória traz até eles, e deixar de estudar, para se dedicar apenas ao esporte, pode ser uma delas. Quem fica de fora da “bolha” dos grandes clubes, que pagam bem, pode ter o prejuízo dobrado, pois, além do financeiro, tem o intelectual, abrindo mão de vivências que só a educação pode proporcionar.

Como diz Adorno (1995, p. 169) esclarecimento “não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem”. Preterir a escola em função de dedicação exclusiva ao esporte é também diminuir a capacidade crítica desses cidadãos e, segundo Adorno (1995), a conversão de todos os homens em seres inofensivos e passivos constitui nova forma de barbárie, “pronta para contemplar o horror e se omitir no momento decisivo”. (ADORNO, 1995, p. 169).

3 ESCOLA E DESENCANTO

Induzidos por uma realidade um tanto quanto distorcida e alimentando o sonho de rumarem ao estrelato dentro da carreira de futebolista profissional, aqueles que se candidatam a uma das concorridíssimas vagas serão inseridos em uma árdua rotina de treinamento e competição. No entanto, as exigências não param por aí, pois a conduta extracampo também é importante. Descanso, dieta, programação logística, tudo isso vem incluído na conduta de quem almeja jogar futebol profissionalmente. Pode-se afirmar que, na maioria dos casos, tanto o futebol praticado em níveis inferiores quanto na elite exigirá dedicação exclusiva do atleta, dedicação essa que forçará os envolvidos a escolher algumas prioridades durante essa fase da vida, às vezes, preterindo investir na trajetória escolar para dedicar todo tempo e toda energia na trajetória esportiva, fazendo dela, praticamente, a única aposta para um futuro mais próspero, porém, sem garantias.

Isso vai ao encontro do que foi observado por Melo (2010), em relação ao tempo dedicado às atividades do futebol e à formação intelectual: o atleta que iniciasse, aos 12 anos de idade, a dedicar-se aos treinamentos futebolísticos, aos 17 anos, quando estivesse completando o Ensino Médio, teria tido uma carga horária de 4.800 horas na escola contra 4.165 nos treinamentos. Isso em uma fase da vida em que a prioridade deveria ser a formação intelectual.

Melo (2010) ainda relata que, nas categorias maiores (sub-17 e sub-20), a maioria dos atletas frequenta a escola à noite, em função de os turnos da manhã e tarde serem dedicados aos treinamentos. Segundo o autor, aos 16 anos, o atleta entra na fase mais complicada da carreira, a qual, como ele diz, poderá definir suas possibilidades de carreira.

Como é característico em países emergentes, a educação ainda é uma questão complicada no Brasil e com muitos problemas a serem resolvidos. O Relatório de Desenvolvimento Humano (PNUD, 2019) aponta o país com uma média de 7,8 anos de escolaridade, enquanto, em países como a Alemanha, o número chega a 14 anos. A realidade da educação no Brasil reflete-se bastante fidedigna naquela oferecida aos estudantes-atletas. Estudos que investigaram a escolarização de atletas de futebol apontam para defasagem e abandono.

Melo, Soares e Rocha (2014), em pesquisa, observaram a escolarização de jovens atletas no estado do Rio de Janeiro. No estudo, 417 atletas de categorias de base do estado, entre 13 e 20 anos, foram entrevistados. Os autores observaram que 354 (82,7%) frequentavam a escola e 72 (17,3%) não estudavam, por abandono ou conclusão. Além disso, entre os jovens que

abandonaram a escola, 65% reprovaram pelo menos uma vez e, no total da amostra, 36,7% reprovaram pelo menos uma vez na trajetória escolar.

Outro aspecto importante levantado pelo estudo foi o de que os atletas que abandonaram os estudos eram aqueles que possuíam a renda familiar mais baixa. Dos jovens atletas que possuíam a renda familiar mais alta, nenhum havia abandonado os estudos. O estudo também concluiu que, quanto maiores forem os investimentos realizados pelo atleta na carreira futebolística, maior será a probabilidade de secundarizar a escola.

Melo *et al.* (2016) realizaram entrevistas com 228 atletas das categorias sub-17 e sub-19, de 19 clubes do estado do Rio de Janeiro, incluindo as equipes da capital. Durante o estudo, foi observado que os atletas dos clubes da capital investem mais tempo no futebol do que os entrevistados das demais equipes. Pode-se explicar o fato, segundo o autor (2016, p. 6), pelo que ele denomina como “pressão que a rotina de formação esportiva impõe ao atleta”. Esses mesmos clubes da capital designam seus atletas para o período escolar noturno, fazendo-os administrar uma jornada dupla de treinamentos e estudos.

Os autores também concluíram que os atletas integrantes das equipes da capital, por estarem em uma posição de maior evidência e valorização dentro da esfera do futebol, tendem a ter uma jornada escolar inferior. Para Melo *et al.* (2016, p. 6), “os indícios deste estudo e de outros, no cenário nacional e internacional, sugerem que quanto maiores as chances de profissionalização no esporte de alto rendimento, menores se tornam as possibilidades de dedicação à escola”.

O artigo também destaca a flexibilidade das instituições de ensino em relação à inflexibilidade dos clubes, verificando-se que alguns dos entrevistados contaram com a possibilidade de negociar com os professores a remarcação de tarefas durante ausências em períodos de competição. O estudo ainda conclui que o tempo gasto com a formação futebolística pode gerar dificuldades para uma formação escolar e cultural de qualidade.

Em relação à flexibilidade proporcionada pela escola para os atletas, podemos fazer um paralelo com o conceito de escola-clubística. Esse modelo acontece quando existe uma parceria entre clube e instituição de ensino ou até mesmo em escolas bancadas integralmente pelo próprio clube, algumas, inclusive, localizadas dentro de seus centros de treinamento. Esse modelo educacional torna-se um tanto limitador quanto à formação intelectual plena do estudante. Moro (2018), em estudo realizado no sul do país, argumenta que, muitas vezes, se limita a formação intelectual daquele atleta na forma de escola clubística, não permitindo fuga para fora do futebol.

Essa limitação da visão de mundo por parte do atleta é muito nociva para a sua trajetória intelectual. Os conhecimentos advindos do futebol são muito específicos e de não muita valia em outros segmentos fora do esporte. Cunha (2018), em seu estudo, investigou a inserção social de atletas no período pós-carreira. De acordo com os achados, a inserção social de ex-jogadores de futebol participantes de seu estudo está muito vinculada às socializações e às práticas cotidianas, características da educação informal. O aspecto informal do futebol já é uma espécie de patrimônio cultural desse esporte, contendo resquícios do semiamadorismo do início do esporte e daquela configuração paternalista adotada.

A especificidade dos conhecimentos de futebol não se encaixa perfeitamente em um contexto social mais amplo. O futebol, apesar de ser um esporte de rendimento extremamente competitivo e lucrativo, tem a tradição de algumas de suas estruturas internas serem mais descontraídas, tendo o vestiário como maior exemplo, fomentando um clima de camaradagem e divertimento entre os frequentadores. Essa aura de informalidade e ludicidade de alguns de seus recintos ajuda o atleta de futebol a moldar uma personalidade em que, de certa forma, alguns aspectos fazem referência à malandragem. Tais características são ótimas para o relacionamento com pessoas, mas talvez esses atletas deixem a desejar nos conhecimentos formais específicos e escolares propriamente ditos. Nessa linha, Menezes (2013, p. 89) argumenta:

Quanto mais houver o reforço deste capital específico e alienante, maior será a dificuldade de reconversão do mesmo em outros campos, criando vulnerabilidades sociais aos atletas, pois ele é desenvolvido para ser um fim em si mesmo, sem o fomento a outras áreas do saber e conhecimentos sobre outros campos da sociedade, nas quais os atletas muito provavelmente terão que atuar, uma vez que essa é uma carreira extremamente curta e desigual, com pouquíssimos obtendo bons dividendos, e muitos, a imensa maioria, ganhando muito pouco.

Infelizmente, essa desvalorização da educação formal encontrada no meio do futebol é um prejuízo em potencial para o atleta como ser humano. Savater (1998, p. 47) dizia que “para ser homem, não basta nascer, é preciso aprender”, pois o intercâmbio é fundamental para nos tornarmos de fato humanos. Freire (2005) argumenta que falta aos homens uma compreensão crítica da realidade em que estão inseridos, uma vez que eles estão captando-na em pedaços, o que não permite reconhecer a sua interação, impossibilitando conhecê-la.

A Constituição Federal também importa-se com o papel da educação para a formação integral do ser humano. De acordo com o Artigo 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação

para o trabalho”. (BRASIL, 1988). Pode-se dizer que são inúmeros e incontestáveis os efeitos formativos que decorrem do acesso à educação formal, os quais concorrem para o desenvolvimento intelectual e da cidadania. Portanto, contribui para o desenvolvimento profissional e humano.

O desenvolvimento pleno de todas as capacidades humanas é fundamental para todo o ser humano, inclusive para o jogador de futebol, além de contribuir para o desempenho esportivo. Para Carravetta (2012), o hiato das atividades escolares resulta em limitações à educação formal, no que se alude à visão de mundo com um todo, englobando vários outros aspectos fora do universo do futebol, como cidadania, amizades, experiências, senso de lógica, etc. A ausência de escolaridade, total ou parcial, implica algumas dificuldades em relação aos aspectos cognitivos, como reduções nas representações mentais, nos processos de análise das informações, no desenvolvimento da capacidade de compreensão e nos mecanismos de comunicação. Porém, para o autor, como a escolaridade não é obrigatória para a profissão, acaba ficando de lado.

Freire (2005) defende uma forma humanista, libertadora e revolucionária de educação, baseada, principalmente, no diálogo. Freire opõe-se ao conhecimento depositário e alienante. Segundo Freire (2005, p. 66), “a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”. Dessa maneira, não “há criatividade, não há transformação, não há saber”. (FREIRE, 2005, p. 67). Essa concepção de educação não é transformadora; muito pelo contrário, é alienante. No caso dos atletas de futebol, que já enfrentam dificuldades logísticas de comparecimento à escola, podemos imaginar que não recebem uma formação educativa voltada para a libertação como ser humano completo, limitando sua percepção naquilo que poderia ser a reivindicação por melhores condições de trabalho.

Savater (1998) afirma que a educação humanista é a grande semelhança entre todos os seres humanos. Para ele, “a educação humanista consiste antes de tudo em fomentar e ensinar o uso da razão, essa capacidade que observa, abstrai, deduz, argumenta e conclui logicamente”. (SAVATER, 1998, p. 158). O conhecimento de mundo que é fornecido por meio deste modelo educacional deveria ser o suficiente para facilitar a interpretação e análise do mundo social em que vivemos, bem como de sua situação atual. Novamente, nos deparamos com uma abordagem libertadora da educação, proporcionando meios para a quebra da alienação.

Savater (2005, p. 212) também diz que “mundanizaram-se os interesses econômicos, mas não se consegue mundializar o interesse pelos direitos básicos da pessoa humana” e é possível traçar um paralelo entre essa afirmação e as trajetórias educativas de atletas de futebol,

quando reparamos que, durante sua formação, secundariza-se, de certa forma, também, o interesse pela educação em prol dos compromissos profissionais esportivos, econômicos. Um dos direitos básicos da pessoa humana, que é o acesso a uma educação de qualidade, fica na sombra da atividade que, aparentemente, será mais rentável economicamente, porém, reitera-se, sem garantias de que isso seja verdade.

Adorno (1995) diz que o caminho para a emancipação é a educação. Para o autor, emancipação significa algo como conscientização, racionalidade. O autor defende a produção de uma consciência verdadeira, consciência essa que se desenvolve pela autonomia. A educação deve fornecer as ferramentas necessárias para os homens compreenderem os saberes de mundo, saberem posicionar-se, possuírem compreensão política, encontrarem-se na realidade e no meio em que vivem. Para Adorno (1995), essa é a forma de consciência emancipada, que permite ao homem ultrapassar a barreira da alienação.

Ainda segundo o autor, é necessário haver estranheza na educação. A percepção do agora, da realidade e do contexto são fundamentais. O que está acontecendo agora acaba introjetando a realidade com naturalidade nas pessoas. Se nos acomodarmos com a naturalização, com a falta de crítica, teremos a banalização, que é o contrário da autonomia libertadora reivindicada pelo autor.

No contexto vivido, os atletas veem suas possibilidades de driblar a alienação sendo cada vez mais suprimidas, isso quando conseguem perceber a privação de direitos que se constitui ao seu redor. A forma com que organizam a própria vida, desde quando entram para a carreira futebolística, é direcionada para o crescimento esportivo, pois a capacitação intelectual é pouco fomentada. Para Freire (2005, p. 45), “seria uma contradição se os opressores não só defendessem, mas praticassem uma educação libertadora.”

3.1 Dificuldades do futebol “real” e o período pós-carreira

As condições para os jogadores de futebol profissional não são fomentadoras de um desenvolvimento de todas as suas capacidades. A falta de tempo, incentivo e de interesse na capacitação intelectual podem vir a ser muito prejudiciais. A falta de contato com modelos educacionais visando à formação integral, aumentando a possibilidade de interação e compreensão de mundo, no futuro, podem dificultar a transição para outra profissão no período pós-carreira.

Em relação à mudança de profissão neste período, no pós-carreira, devemos levar em consideração que a maioria absoluta dos atletas, no final de suas carreiras como futebolistas

profissionais, não terá recebido vencimentos em valor suficiente para um afastamento precoce das atividades econômicas e, por isso, precisará trabalhar. Como já citado, os conhecimentos adquiridos na esfera do futebol são muito específicos e de difícil reconversão, levando em conta ainda que a formação escolar foi negligenciada durante o período como atleta.

Para exemplificar mais precisamente a situação nada confortável que esses atletas passam, podemos observar as consequências causadas pela pandemia de Covid-19 na estrutura do futebol brasileiro. Obviamente, a pandemia causou desordem em qualquer segmento da sociedade, mas, no futebol, podemos notar uma agudização das fragilidades e dos problemas citados.

Contextualizando, em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na província chinesa de Hebei, surgiu o novo SARS-Cov-2 (COVID-19), causador de uma pneumonia viral, que se espalhou rapidamente pelo país e pelo mundo, obrigando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar uma pandemia global. A transmissão ocorre principalmente por vias respiratórias e, em menor escala, por superfícies e objetos. (NOGUEIRA *et al.*, 2020).

Com a finalidade de conter a disseminação do vírus e evitar a sobrecarga dos sistemas de saúde, várias medidas de isolamento foram adotadas pelos governos. Dentre elas, ocorreu a interrupção dos campeonatos esportivos de diversas modalidades. Progressivamente, a retomada desses campeonatos foi sendo autorizada, entretanto, com fortes restrições, como testagem dos atletas, ausência de público e protocolos rígidos em relação à presença de *staff*.

Podemos imaginar que a ausência de público já representa a queda de uma importante fonte de receita para os clubes, mas não foi uma situação tão simples assim. No estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, as competições encontraram-se paralisadas entre metade de março até julho de 2020, praticamente quatro meses. Para os clubes do interior e os de divisões inferiores, que possuem capacidade econômica muito reduzida em relação aos clubes da elite, muitas vezes, as receitas geradas pela bilheteria representam algo em torno de 50% dos rendimentos dessas agremiações. Outra fonte de receita que foi drasticamente reduzida foi a de patrocinadores externos; afinal, sem os jogos para expor a marca ao público, não se torna algo interessante.

Quando se completaram 100 dias sem futebol profissional no Rio Grande do Sul, ainda em 2020, o site GloboEsporte.com produziu uma série de reportagens em relação à situação do esporte no estado. Segundo um levantamento feito pelo site junto aos clubes, entre as três divisões do futebol (Gauchão, Divisão de Acesso e Segunda Divisão), a cadeia do futebol emprega cerca de 3 mil pessoas e, dessas, 876 perderam o emprego durante a pausa em decorrência da pandemia. Dessas pessoas, 729

provêm da Divisão de Acesso e Segunda Divisão, segundo e terceiro níveis, respectivamente, do futebol gaúcho, justamente as que possuem menor potencial econômico.

Durante os períodos de atividade, o futebol injeta algo em torno de 6 milhões mensais, nos meses de competição, na economia do estado. Entretanto, manter o pessoal durante o período em que as atividades estão suspensas torna-se inviável para os clubes de menor escalão. Essa realidade é muito bem relatada em um trecho da referida matéria:

Os 100 dias sem futebol são vividos sem futebol ao pé da letra, com estádios fechados e mantidos apenas por fiéis funcionários remanescentes - e até por um ou outro jogador. Sem jogos, não há bilheteria, patrocínio ou cotas de publicidade. Não há receita para manter vivas as engrenagens já fragilizadas dos clubes. (DECONTO, 2020).

A situação, que é trágica, fica ainda mais difícil quando percebemos que os atletas que tiveram seus contratos suspensos e, conseqüentemente, sua principal fonte de renda cortada, necessitam encontrar uma outra ocupação para se manterem economicamente ativos durante o período em que o futebol está paralisado. Como já abordado, o cenário em relação à trajetória acadêmica dos atletas de futebol, geralmente, não é muito longa, nem qualificada, fazendo com que sejam obrigados a transitarem entre subempregos de baixa remuneração e a informalidade. A pandemia evidenciou fortemente esse problema.

Para exemplificar a situação vivida pelos profissionais do futebol e, principalmente, pelos atletas, que são o nosso foco, em uma das reportagens, mais especificamente a segunda da série, publicada no dia 26/06/20, pelo site GloboEsporte.com, conta-se a história de um jogador que, na época com 34 anos (provavelmente, próximo ao término da carreira profissional), foi um dos afetados pela pandemia e teve seu contrato suspenso. Atuando por uma equipe da Segunda Divisão gaúcha, sem que o auxílio-emergencial fornecido pelo governo fosse suficiente para o sustento da família, o trabalho em uma fruteira foi necessário para o complemento da renda até a volta do futebol.

Muitos outros exemplos semelhantes também apareceram por aí. Atletas fazendo “bico” tornou-se algo comum durante a paralização, trabalhando como entregadores, pedreiros, motoristas de aplicativos, entre outros. Trata-se de uma situação lamentável, que só reforça o fato de que, nos “porões” do futebol, a situação é bem menos glamourosa. Toda aquela aura existente em torno da figura do jogador de futebol vem abaixo quando situações complicadas como essas expõem as dificuldades vividas na profissão.

Sousa Santos (2020) traz-nos o conceito do que ele chama de “Sul da Quarentena”. Segundo o autor, esse conceito envolve os grupos para os quais a quarentena foi particularmente

difícil. Para ele, o sul não representa um espaço geográfico, mas um espaço-tempo político, social e cultural, que favorece e expõe a fragilidade dos integrantes desses grupos. Os atletas de futebol não são citados, na perspectiva do autor, entretanto, também foram potencialmente prejudicados.

As equipes de menor expressão, com menos recursos disponíveis e, geralmente, frequentadoras de divisões inferiores, foram incapazes de continuar honrando seus compromissos financeiros e foram obrigadas a suspender as atividades por tempo indeterminado. Em condições normais, a saúde financeira de um clube pequeno de futebol profissional no Brasil já respira por aparelhos, atua no limite, não tendo margem para exceder certo orçamento. Com a pandemia, sem receita de público, televisão, patrocínios e demais fontes, tornou-se impossível. Os protocolos de volta às competições também foram caros, algo que forçou um hiato competitivo ainda maior de algumas agremiações.

Enquanto as equipes ficaram paradas, os atletas continuaram sem salários, e as que voltaram, certamente, diminuíram seus gastos com eles. A pandemia, trágica em todos os sentidos, evidenciou ainda mais a fragilidade e a insegurança em que estão inseridos os atletas de futebol profissional, podendo perder seus empregos a qualquer momento, sem muito aviso prévio. Ressalta-se aqui a importância do “Plano B”. Momentaneamente, alguns ficaram sem emprego, sem perspectiva. Não é garantia de inserção em uma nova carreira, mas, quem estudou, sai na frente. Como nos diz Adorno (1995, p. 127),

O esporte é ambíguo: por um lado ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fairplay*, do cavalheirismo, e do respeito pelo mais fraco. Por outro lado, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo [...]. É preciso analisar de uma maneira sistemática essa ambiguidade. Os resultados teriam que ser aplicados à vida esportiva na medida da influência da educação sobre o tema.

As estruturas do futebol não são tão sólidas como aparentam ser e os atletas em situações difíceis encontram-se desamparados. Qualquer situação imprevista ou fora do planejamento prévio pode expor os atletas a mais dificuldades (além daquelas da própria carreira), obrigando que se submetam a situações delicadas e desconfortáveis. A ampliação do repertório intelectual por meio da educação formal viria como uma maneira do atleta “desenrolar-se” de maneira mais habilidosa em situação de desamparo esportivo e econômico.

4 METODOLOGIA

Para a confecção deste estudo, fez-se uso de uma metodologia de cunho qualitativo, com caráter descritivo, visando descrever o fenômeno estudado. A coleta de dados foi feita por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada com os voluntários da pesquisa. Para análise dos dados, utilizou-se a Análise Textual Discursiva (ATD), dialogando, paralelamente, com a bibliografia, em conformidade com as diretrizes dos procedimentos éticos².

4.1 Desenho metodológico da pesquisa

Este trabalho tem a pesquisa qualitativa como escolha metodológica, por meio de um estudo de campo. Identifica-se a necessidade do emprego da referida metodologia pelo fato de ela não tratar apenas de dados numéricos, mas permitir a realização de uma coleta de dados sobre manifestações da realidade e vivências humanas. Para Minayo (2001, p. 14),

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Já para Gerhardt e Silveira (2009, p. 32), “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Dessa forma, a escolha da metodologia qualitativa possui maior afinidade com o trabalho proposto, pois visa investigar trajetórias de vida, bem como esportivas e escolares. De acordo com Godoy (1995, p. 62),

Muitos pesquisadores de orientação qualitativa fazem seu trabalho de campo através de observação e entrevista, empregando muito de seu tempo no local da pesquisa, em contato direto com os sujeitos. Registram suas notas, analisam seus dados e escrevem os resultados obtidos, incluindo descrições de trechos de conversas e diálogos.

Podemos classificar a presente pesquisa, também, como de caráter descritivo. Quando uma pesquisa é classificada como descritiva, ela visa caracterizar o fenômeno estudado. Para Godoy (1995, p. 63):

² CAAE número 53805821.9.0000.5352.

Quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada. Ainda quando a nossa preocupação for a compreensão da teia das relações sociais e culturais que se estabelecem no interior das organizações, o trabalho qualitativo pode oferecer interessantes e relevantes dados. Nesse sentido, a opção pela metodologia qualitativa se faz após a definição do problema e dos objetivos da pesquisa que se quer realizar.

Essas estratégias, que são utilizadas neste estudo, visam investigar as trajetórias de vida, escolares e esportivas de ex-atletas de futebol profissional, de maneira profunda, diretamente com seus atores, para tentar entender e desvendar sua relação com o contexto e a compreensão dos participantes sobre a temática.

4.2 Sujeitos da pesquisa

O estudo fez a opção pela escolha de cinco ex-atletas de futebol profissional, baseando-se nos relatos específicos de cada um dos praticantes. A presente pesquisa investigou quais os impactos da formação escolar na inserção social de jogadores de futebol profissional no período pós-carreira. No Brasil, cria-se uma narrativa de romantização sobre esses atletas, fazendo com que boa parte do público acredite que qualquer jogador profissional de futebol é bem-sucedido esportivamente e financeiramente. Entretanto, a realidade não se mostra tão promissora assim.

De acordo com autores como Carravetta (2012), Damo (2007), Melo *et al.* (2016) e Carvalho (2015), além de dados levantados pela própria CBF, apesar de movimentar cifras astronômicas, a distribuição de renda no universo do futebol faz um paralelo com a sociedade propriamente dita, adotando um modelo de maior concentração de riqueza nas mãos de poucos.

Apesar das chances remotas da maioria dos atletas profissionais de futebol receberem grandes salários, cerca de 55% recebe aproximadamente um salário mínimo (CBF, 2018), e o número de atletas que alcança níveis mais relevantes de formação intelectual ainda não é muito expressivo.

Ao término da carreira, aqueles que não acumularam riqueza suficiente, ou mesmo aqueles que acumularam, mas não fizeram a gestão dela de forma adequada, necessitam reinserir-se no mercado de trabalho. Porém, a falta de uma formação escolar adequada pode vir a ser uma barreira, a qual se mostra muito evidente em períodos como o de pandemia, que agudizou e expôs a fragilidade das estruturas do futebol, levando muitos atletas ao desemprego, com as paralisações. Sem formação escolar relevante, a maioria começou a transitar entre a informalidade e empregos mal remunerados.

A educação seria uma ferramenta sem prazo de validade, ajudando esses agora ex-atletas de futebol a possuir conhecimentos mais claros de mundo. A educação viria como uma forma de emancipação, na linha de raciocínio de Freire (2005), Savater (1998) e Adorno (1995).

Alicerçado nesses argumentos, o presente estudo visa expandir os horizontes do universo pesquisado, ao entrevistar diretamente os atores dessa realidade, que são os próprios ex-jogadores de futebol profissional. Para a escolha deles, foi empregada amostragem por tipicidade ou intencional. Segundo Gil (2008, p. 94):

Também constitui um tipo de amostragem não probabilística e consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população. A principal vantagem da amostragem por tipicidade está nos baixos custos de sua seleção. Entretanto, requer considerável conhecimento da população e do subgrupo selecionado.

Como foi empregada uma forma de amostragem não-probabilística, os critérios do pesquisador foram relevantes para a seleção. O autor, como relatado neste trabalho, já transitou pelo universo do futebol profissional e tem acesso a clubes/agremiações, atletas e ex-atletas de futebol profissional, com quem atuou durante o período ativo, que puderam intermediar o contato ou indicar cinco participantes para a pesquisa.

Os contatos com os participantes foram feitos por meio das mídias sociais, principalmente pelos aplicativos *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*. Com a consolidação das redes sociais como instrumento quase indispensável no mundo moderno, optou-se por realizar o contato com os praticantes por meio delas, devido ao seu maior alcance, pela facilidade de busca e pelo dinamismo.

4.3 Os instrumentos de coleta e análise de dados

O estudo analisou os fenômenos estudados diretamente com seus atores principais, os ex-atletas de futebol profissional, buscando compreender as particularidades do contexto de cada participante. Com a finalidade de compreender as trajetórias (de vida, escolar e esportiva) dos sujeitos da pesquisa, optou-se pela realização de uma entrevista, de forma presencial, aproveitando-se a flexibilização das restrições causadas pela pandemia, porém sempre respeitando as normas de biossegurança. As entrevistas foram realizadas entre os dias 19 de fevereiro e 24 de março de 2022, com duração média de 20 minutos.

A entrevista é um método que proporciona colocar em contato direto os sujeitos da pesquisa e o objeto de estudo. Para Fonseca (2002, p. 67), “a entrevista é utilizada para obter

informações contidas nas falas dos objetos de pesquisa. A maior parte das referências feitas a propósito dos questionários aplicam-se à entrevista”. Segundo Lüdke e Andre (1986, p. 34):

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. Pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial, como o questionário.

Outra vantagem proporcionada pela entrevista é a possibilidade de atingir indivíduos que teriam o acesso dificultado por outras maneiras de coleta, partindo do pressuposto de que alguns dos nossos sujeitos da pesquisa não tenham atingido níveis mais altos de escolaridade. Ainda de acordo com Ludkë e Andre (1986),

[...] pode também, o que a torna particularmente útil, atingir informantes que não poderiam ser atingidos por outros meios de investigação, como é o caso de pessoas com pouca instrução formal, para as quais a aplicação de um questionário escrito seria inviável.

A entrevista proposta é semiestruturada. Esse tipo de entrevista mostra-se mais flexível, pois, apesar de um esquema previamente definido, permite alterações durante a entrevista, conforme Ludkë e Andre (1986, p. 34): “a entrevista semiestruturada [...] se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”. Eles acrescentam ainda: “o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se mais dos esquemas mais livres, menos estruturados”. (LUDKË; ANDRE, 1986, p. 34).

Gerhardt e Silveira (2009, p. 73) também citam como vantagem das entrevistas a “muita flexibilidade, pois o entrevistador pode facilmente adaptar-se às características das pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista”. Outras vantagens propiciadas por esse método seriam captar a expressão corporal, tonalidade de voz e maior garantia de respostas dos entrevistados em relação a um questionário.

Quanto à análise de dados, o método empregado foi o da Análise Textual Discursiva, para a análise do material coletado ao longo das entrevistas com os participantes, forma de análise que transita entre a análise de conteúdo e a análise de discurso. Moraes (2003) argumenta que a análise qualitativa é feita a partir de um conjunto de textos e que o analista deve atribuir sentidos e significados para ele. Porém, observa-se que diferentes sentidos podem ser encontrados em um mesmo texto.

Este tipo de análise, ATD, engloba três elementos na sua composição - unitarização, categorização e comunicação - que são responsáveis pela possibilidade do surgimento de novas compreensões. A unitarização, ou desmontagem dos textos, corresponde à fase em que se fragmentam os textos em busca de novos enunciados em relação ao objeto de estudo.

A categorização ou estabelecimento de relações é o momento em que se estabelecem relações entre as unidades fragmentadas pelo processo anterior, com o objetivo de formar novas categorias, que são conjuntos de textos com afinidade, mediante o tema, agrupados em categorias. Para Moraes e Galiazzi (2006, p. 125):

A combinação da unitarização e categorização corresponde a movimentos no espaço entre ordem e caos, em um processo de desconstrução que implica construção. A unitarização representa um movimento para o caos, de desorganização de verdades estabelecidas. A categorização é movimento construtivo de uma ordem diferente da original. Realizar uma análise textual discursiva é saber movimentar-se em espaços entre ordem e caos.

Por fim, é realizado o processo conhecido como comunicação ou “captando o novo emergente”. Essa fase é possibilitada pelo surgimento de novas compreensões formadas nos estágios anteriores, que culminarão na produção de metatextos, os quais evidenciam a “compreensão que se apresenta como produto de uma nova combinação dos elementos construídos ao longo dos passos anteriores”. (MORAES, 2003, p. 191).

A primeira etapa, a de unitarização, inicia-se com a desconstrução dos textos. Para Moraes (2003), apesar dessa desconstrução dos textos na busca da compreensão, um limite final nunca é atingido. Fica a cargo do pesquisador decidir em relação a essa fragmentação, podendo surgir unidades de análise mais ou menos profundas. Essas fragmentações dão origem às chamadas unidades de análise, que sempre estão alinhadas e definidas com o propósito da pesquisa.

As unidades de análise podem ser classificadas como *a priori* ou *emergentes*. Para Moraes (2003, p. 195):

Quando se conhecem de antemão os grandes temas de análise, as categorias *a priori*, basta separar as unidades de acordo com esses temas ou categorias. Entretanto, uma pesquisa também pode pretender construir as categorias a partir da análise. Nesse caso, as unidades de análise são construídas com base nos conhecimentos tácitos do pesquisador, sempre em consonância com os objetivos da pesquisa.

O autor já possui certo conhecimento prévio sobre o tema, por meio de vivências pessoais (pelo fato de ter sido ex-atleta de futebol profissional), além do conhecimento adquirido por meio de um profundo trabalho de pesquisa para a construção do referencial deste

estudo. Esses fatos influenciaram no estabelecimento das categorias *a priori*, pois já se imaginava, antecipadamente, que elas pudessem ser estabelecidas a partir do material coletado nas entrevistas. De acordo com Moraes (2003, p. 206),

A validade também pode ser construída a partir da ancoragem dos argumentos na realidade empírica, o que é conseguido por meio do uso de citações de elementos extraídos dos textos do corpus. A inserção crítica de excertos bem selecionados dos textos originais constitui uma forma de validação dos resultados das análises.

Por outro lado, no decorrer do processo de pesquisa e análise, foram surgindo novos argumentos e viu-se neles o potencial de formação de novas categorias, estas denominadas *emergentes*. Segundo Moraes (2003, p. 198), “as categorias emergentes são construções teóricas que o pesquisador elabora a partir das informações do *corpus*”. Na mesma linha, Sousa e Galiuzzi (2017, p. 521) concluem:

[...] diferentemente do método dedutivo, o método indutivo lida com despreensão teórica prévia. A elaboração de categorias com o método indutivo reivindica que o pesquisador busque teorias com as quais talvez nem tenha trabalhado para fundamentar as suas categorias. Ou seja, exercício empírico é que induz o delineamento teórico categorial.

Na formação deste trabalho, optou-se por usar as duas categorias. “Os dois métodos, dedutivo e indutivo, podem, também, serem combinados num processo de análise misto em que, partindo de categorias definidas a priori com base em teorias escolhidas previamente, o pesquisador encaminha transformações gradativas no conjunto inicial de categorias, a partir do exame das informações do corpus de análise.” (MORAES, 2003, p. 197-198). Dessa forma, uma forma de análise complementar a outra. Para Sousa e Galiuzzi (2017, p. 521),

[...] estes dois extremos, iniciar a partir da teoria existente ou das informações empíricas que se organizam em modos de dizer teórico pelo acúmulo de informações, são os mais clássicos nas pesquisas qualitativas em análises formais que estabelecem as teorias antes da análise e abordagens mais apoiadas no empírico.

Sintetizando, esse método de análise permite interpretar os dados de forma mais subjetiva e, também, mais ampla, permitindo, por exemplo, identificar os elementos que deram origem aos textos, o contexto em que o trabalho foi produzido e as pessoas que produziram o discurso. Como relatam Moraes e Galiuzzi (2006, p. 120), “A ATD é uma abordagem que exige constantemente a (re)construção de caminhos, além de estimular a criatividade. O criativo é original”. Durante essa reconstrução, pequenos espaços são criados, fornecendo maior liberdade para o avaliador.

5 FUTEBOL E ESCOLARIZAÇÃO: POR DENTRO DO FENÔMENO

Para compreendermos mais profundamente o fenômeno estudado, precisamos contextualizar os entrevistados³³, conforme linha temporal em que estiveram ativos profissionalmente no futebol. Devemos ressaltar que o futebol brasileiro, que é o foco da nossa pesquisa, também, passou por diferentes períodos e metamorfoses, da mesma forma que os entrevistados, que atuaram em épocas diferentes do futebol brasileiro. Podemos considerar que os participantes formam uma amostra heterogênea, em um contexto geral, possuindo idades, níveis de competição, época e tempo de atuação diferentes.

Os entrevistados 02,04 e 05 formam um grupo mais parecido entre si, levando apenas em consideração a trajetória esportiva e, também, é o mais testado nesse mesmo quesito, pois os atletas atuaram em uma temporalidade parecida, entre os anos 90 e a primeira década dos anos 2000, com o atleta 02 estendendo a carreira um pouco mais além. Os entrevistados desse grupo, provavelmente, são os que atuaram por mais tempo em divisões superiores do futebol brasileiro, além de terem experiência no futebol internacional (Países Baixos) e em competições de alto nível, tendo atuado, também, no futebol em diversos estados brasileiros, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso, Amazonas, Minas Gerais, entre outros.

Os participantes 02, 04 e 05 possuem ensino superior completo (o participante 02 é formado em Direito e os participantes 04 e 05 em Administração) e nenhum dos três trabalha com o futebol atualmente, porém tiveram experiências anteriores.

O participante 01 é o mais jovem e teve a carreira mais breve, devido a lesões e algumas outras situações particulares, e mais recente, tendo iniciado a atuação de forma profissional em 2011. Sua atuação ficou restrita aos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Possui graduação em educação física em andamento e trabalha diretamente com o futebol nos dias de hoje, com um cargo de supervisão em clube de futebol, após passar por outras funções menos prestigiadas dentro do clube. Segundo ele, o estudo está sendo fundamental para se adequar ao mercado de trabalho no período pós-carreira: “Eu acredito que, concluindo a minha faculdade, ainda mais portas vão se abrir, porque, além da faculdade, já estou com outros pensamentos em vista, são cursos que a CBF acaba fornecendo pra gente cada vez mais procurar progredir na nossa carreira, no caso hoje de supervisor”.

O entrevistado 03 é o que possui suas vivências no futebol mais distantes dos outros participantes, possuindo uma carreira ativa no futebol profissional entre os anos 1980 e 1990.

³³ O uso do nome era opcional para os participantes. Em seu lugar, foram identificados com números de 01 a 05.

Ele já desfruta da aposentadoria, entretanto, no período entre o término da carreira e a aposentadoria de fato, possuiu algumas ocupações e até um negócio próprio. Não tem ensino superior, mas o ensino médio completo e alguns outros cursos profissionalizantes. Quando atuava como atleta profissional de futebol, atuou por equipes do Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso e São Paulo. Fora do Brasil, passou pelo futebol grego e pelo espanhol.

Existem diferenças bem acentuadas entre os participantes, em relação às trajetórias esportivas, à época em que atuaram e à cultura, tanto esportiva quanto da sociedade, em cada momento. O esporte está vinculado à sociedade, principalmente no Brasil, que respira o futebol. As demandas sociais pelo futebol também continuam modificando-se. Nos anos 1980 e 1990, por exemplo, tínhamos um futebol com traços folclóricos, repleto de figurões, entrevistas polêmicas, em que o talento era mais valorizado que os aspectos físicos e a disciplina. O show era importante, tanto das equipes quanto do público. Aceitava-se uma certa informalidade em relação às coisas que cercavam o esporte fora das quatro linhas, porém, dentro delas, era jogado em ritmo de “samba”.

Há uma mística indescritível envolvendo o futebol dos anos 80 e 90, em relação à torcida e, principalmente, aos que assistiam aos jogos da “geral” do estádio. Piso de cimento, que ficava no nível do gramado, separado deste apenas por um fosso fundo, a geral era o ambiente mais democrático dos estádios, geralmente, frequentado pelas classes menos favorecidas financeiramente, que se acotovavam em um espaço abarrotado, assistiam ao jogo em pé, mas emanavam infinita energia e alegria. Com o processo de modernização e arenização dos “estádios padrão FIFA”, as gerais foram sendo fechadas e o acesso das massas aos estádios tornou-se cada vez mais difícil.

Essa fama de futebol descontraído e recheado de talento, que absorvia a energia da torcida inflamada, tornou-se notório também pela grande quantidade de jogadores brasileiros considerados “craques” na época. Foi uma época vitoriosa para o futebol brasileiro. Nossa seleção, por exemplo, conquistou Copa do Mundo, Copa América, Copa das Confederações... O nosso futebol não deixou de ser vitorioso, mas, com o passar dos anos, os estilos foram modificando-se. O futebol arte foi tornando-se mais pragmático, a disciplina foi ganhando espaço em relação à habilidade. Times bem postados taticamente foram sobressaindo-se, muitas vezes não jogando tão “bonito”, porém vencendo.

Não que a habilidade não seja importante, continua sendo, como sempre, mas a evolução física e disciplinar das equipes conseguiram equilibrar essa valência de forma tática, priorizando o conjunto acima do individual, vencendo por meio do trabalho coletivo no lugar do lampejo decisivo do craque. Jogadas de efeitos enchem muito mais os olhos do que equipes

com linhas bem compactadas, esperando o erro do adversário, mas o futebol também é produto e, para quem coloca seu dinheiro nisso, o mais importante é vencer, é ir longe.

Devido a isso, cada vez mais aumentaram as exigências em relação ao atleta dentro e fora de campo. Condutas antes consideradas permissivas foram sendo substituídas por outras atividades mais “produtivas”. O atleta do passado é, reconhecidamente, considerado muito mais fanfarrão do que o de hoje. Cada vez mais o atleta precisa investir seu tempo livre em si mesmo, seja pelo autocuidado, seja pelo descanso da musculatura, pois ele precisa estar bem para render no jogo seguinte, para competir, para vencer.

O que se salienta, nesta parte final, é que surgiram diferenças na própria maneira de jogar futebol e, também, nas regras da sociedade de cada época. Os anos 1980, 1990, 2000 e 2010 têm diferenças entre si, inclusive na maneira como o povo se comportava, e isso deve ser considerado e compreendido para entendermos que cada trajetória dos ex-atletas de futebol profissional participantes deste trabalho é única e reflete a realidade da sua época, apesar das semelhanças e diferenças.

5.1 O início do sonho

No referencial deste trabalho, trouxemos a paixão nacional pelo desporto chamado futebol. Com a esperança de obter melhores condições de vida para si e seus familiares, ou simplesmente pelo sonho de viver o estrelato, jovens de todos os cantos do país apostam alto no sonho de tornarem-se jogadores de futebol profissional. No Brasil, mais do que em qualquer outro país, essa romantização do futebol cria um universo quase místico que circunda este esporte, tornando, praticamente, irresistível a vontade de, pelo menos, tentar enquadrar-se nele, como nos conta o participante 01: “Eu sai de casa novo, com 12 anos, pra tentar realizar esse meu sonho de ser atleta profissional. Passei um período treinando em escolinhas e depois consegui ingressar em um clube que tinha categoria de base. Fiz todo o processo de categoria de base até profissionalizar.”

Já o participante 02, quando indagado sobre seu início no esporte, respondeu: “Base mesmo, em si, saí de casa com 15 anos, para atuar em categorias de base de equipes nacionais, até ter as primeiras experiências no futebol internacional – Itália e Holanda”.

O participante 03 já iniciou um pouco mais tarde em relação aos padrões no futebol, com a idade de 19 anos, no ano de 1984, sem passar pelas categorias de base: “Na minha época, eu não tive formação futebolística. Eu comecei diretamente no profissional”. Essa informação é importante para discussão posterior, apontando diferentes abordagens e práticas em gerações

distintas. O entrevistado 04 começou cedo também. Segundo ele: “Eu comecei com treze anos na categoria de base [...] em 1997, eu me profissionalizei, aí, depois disso, acabei saindo para outros clubes.”

Nosso último entrevistado iniciou com 18 anos, situação parecida com a do terceiro entrevistado. Entretanto, conseguiu, rapidamente, a transferência para uma das grandes equipes do Rio Grande do Sul, em um momento em que ela viveu seu período mais vitorioso. É seguro afirmar que, atualmente, a estrutura do futebol em si e os hábitos culturais da sociedade estão mais preparados para receber atletas cada vez mais novos. De acordo com a Lei Pelé, Art. 29, §4º:

O atleta não profissional em formação, maior de quatorze e menor de vinte anos de idade, poderá receber auxílio financeiro da entidade de prática desportiva formadora, sob a forma de bolsa de aprendizagem livremente pactuada mediante contrato formal, sem que seja gerado vínculo empregatício entre as partes.

Já os Art. 29, §2º, e Art. 49 do Decreto 7.984/13 definem que deverá ser garantido alojamento em instalações desportivas apropriadas à capacitação técnica na modalidade quanto à alimentação, higiene, segurança e saúde. Porém, o lobby para que se diminua a idade de 14 para 12 anos e para que se possa alojar atletas nos centros de treinamentos dos clubes ainda é grande. Os clubes não querem arriscar perder algum talento esportivo promissor pelo fato de não poder alojar atletas menores de 14 anos, lembrando que futebol é negócio, e muito lucrativo.

Um exemplo disso é o estudo da consultoria SportsValue, intitulado “Mercado latinoamericano de transferencias de jogadores”, publicado em abril de 2022, indicando que o faturamento total dos clubes da América Latina foi de US\$ 570 milhões, em 2021. O Brasil foi líder, com US\$ 300 milhões gerados. O estudo aponta ainda para um dado histórico em relação às transferências de 2003-2020: os clubes brasileiros forjaram US\$ 5,9 milhões em transferências de jogadores, sendo que 10 clubes concentram mais de 80% do total dessas transferências.

Esses são números expressivos, que despertam o desejo e a esperança em jovens atletas, que partem de suas casas para integrar as categorias de base das equipes de futebol. É nítida a desigualdade deste nosso esporte até no quesito transferências, em que 10 clubes possuem o monopólio para tal, pelo menos no período citado. Os atletas das categorias de base, quando se deparam com esses números, acreditam que um dia possam ter o seu nome envolvido em uma dessas transferências milionárias, enchendo-os de esperança de um dia alcançar o estrelato. Entretanto, o que fica perceptível é a manipulação, por meio do culto dos mitos ou heróis (FREIRE, 2005), afinal, os heróis ficam na história, nesse caso, dos clubes e do futebol.

Os atletas das categorias de base mostram-se dispostos a abandonar a casa dos pais (muitas vezes, com apoio deles), mesmo muito jovens, para entrar em um “internato de futebol”, em um momento em que o convívio familiar e afetivo mostra-se muito importante na formação. No entanto, nem todas as pessoas pensam da mesma forma e o sonho de cada uma precisa ser respeitado.

Os próprios entrevistados saíram jovens do seu convívio familiar em busca do sonho, mas também ressaltaram que compreendiam o valor da educação formal, muito pelo aviso da família, que, apesar de longe, no caso dos participantes, sempre foi presente na vida deles, como é até hoje.

A questão dos motivos que levam os jovens a iniciar no mundo do futebol, fazendo tão cedo a escolha de abrir mão de algumas diversões da juventude é multifatorial, mas, em geral, são de cunho financeiro, mesclados com a vontade de exercer e usufruir da profissão. Como o autor do presente estudo é também ex-atleta, tendo passado por essa mesma situação, faz das palavras de Freire (1992, p. 27-28) as suas:

Para a necessidade de que, ao fazer o seu discurso ao povo, o educador esteja a par da compreensão do mundo que o povo esteja tendo. Compreensão do mundo que, condicionada pela realidade concreta em que parte a explica, pode começar a mudar através da mudança do concreto. Mais ainda, compreensão do mundo que pode começar a mudar no momento mesmo em que o desvelamento da realidade concreta vai deixando expostas as razões de ser da própria compreensão tida até então. A mudança da compreensão, de importância fundamental, não significa, porém, ainda, a mudança do concreto.

A ascendência pessoal por meio do esporte é louvável e convidativa, ocasiona sacrifícios por parte daqueles que planejam seguir essa vida. Entretanto, é aconselhável que o preço que se venha a pagar não seja maior do que a recompensa.

5.2 O papel das mídias

Às vezes, o sonho de tornar-se jogador profissional de futebol é potencializado pela mídia. A mídia trabalha de forma seletiva, expondo para a grande massa de espectadores, majoritariamente, o que se passa nos grandes clubes brasileiros, criando uma ilusão, como se a realidade do futebol profissional no Brasil fosse aquela vivida pelos jogadores famosos, que atuam nas grandes equipes.

A injeção de receita que se dá por meio dos veículos de comunicação é muito grande, principalmente, de duas formas: venda de cotas de publicidade e captação de torcedores. Essas duas maneiras representam uma parcela muito grande dos rendimentos dos clubes brasileiros,

atualmente, e, também, como quase tudo neste esporte, esse rendimento é distribuído de maneira desigual. No caso do dinheiro pago pela televisão para transmissão dos jogos, isso é mais evidente ainda. Essa diferença existe, inclusive, entre equipes classificadas como sendo de mesmo escalão.

Nessa situação, entendemos o papel importante da torcida na saúde financeira de um clube, que não se limita apenas à compra de ingressos para jogos, de produtos do clube ou à atuação como sócio-torcedor. As cotas televisivas tendem a atender clubes com maior demanda de público, ou seja, aqueles com maior torcida são agraciados com maiores fatias do montante total oferecido pela televisão e, convenhamos, é muito mais vantajoso para uma empresa exibir sua marca na camiseta ou durante o jogo de uma dessas equipes, pois gerará mais engajamento. O clube é pago de acordo com a quantidade de pessoas que querem assistir ao jogo.

Essa é a realidade. Jogar bem futebol e conquistar resultados esportivos é ótimo, entretanto, não é garantia de reconhecimento. As equipes de médio/pequeno porte podem demonstrar valentia, mas, muito dificilmente, chegarão aos números de receita dos grandes clubes, mesmo indo bem esportivamente. Com a diversidade dos meios de comunicação desta época, sendo o principal a televisão, as partidas recebem um alcance bem maior e, igualmente, os conteúdos produzidos por meio delas, como debates, cortes dos lances e outros. Porém, a mídia, apesar de manter alguns monopólios, começou a democratizar-se, principalmente, via canais de transmissão de menor porte (a televisão, especialmente a aberta, continua ainda inacessível para jogos sem os grandes do futebol). Campeonatos que antes eram menos visíveis e eram transmitidos, principalmente, a partir de suas finais, foram ganhando mais visibilidade, como as divisões inferiores dos estaduais e do campeonato brasileiro. As TVs das próprias federações colaboraram para esse processo.

Além de impulsionar o sonho, a mídia pode agora aumentar o número de olhos que estão vendo um jogador atuar. Muitas vezes, jogadores talentosos atuam em campeonatos menores devido à ferrenha concorrência e não têm a chance de mostrar seu desempenho devido à falta de transmissão/visibilidade, como, por exemplo, nos conta o entrevistado 03: “A questão da trajetória profissional, ou vamos colocar a oportunidade, hoje fica mais fácil tu se destacar, no futebol. Na nossa época, quando comecei a jogar futebol, quando existia era uma câmera de televisão filmando o jogo. Hoje, para ter uma ideia, inclusive os treinamentos são gravados [...]”.

O participante 02 chamou a atenção para a questão dos cuidados dos clubes com os atletas em relação ao departamento de marketing: “Hoje, o marketing trabalha muito forte, hoje, o marketing começou a trabalhar em cima dos atletas em forma de entrevistas, um pouco de

conteúdo, alguma coisa pra eles não estar sempre repetitivos, e isso falta, mas isso, clubes grandes no Brasil, é minoria, né [...]”.

A desenvoltura do atleta e a forma como ele se expressa também são maneiras interessantes de promoção pessoal do atleta, principalmente via redes sociais. A televisão ainda possui o monopólio e, possivelmente, terá ainda por um bom tempo, mas as redes sociais tiveram uma explosão gigantesca em popularidade, pois o entretenimento fica a apenas um click de distância. O atleta que entende como se promover nesses meios não possui a garantia de retorno, mas, com certeza, começa na frente. Nesse formato de marketing, em que os lances ocorridos durante o jogo podem ser postados nas redes, até em formatos de vídeos curtos, que não se tornam enjoativos para o público assistir, permitem ao atleta atingir um “network” imenso de contas, e uma delas pode ser de um olheiro ou empresário. Também, não é incomum ver atletas fazendo propagandas, de grandes marcas a pequenos negócios. Não é vantagem esportivamente, mas um dinheiro a mais no final do mês com certeza é bem-vindo.

As redes sociais, hoje, também, são um gigante da comunicação e da criação de conteúdo. A promoção pessoal, a exploração da vaidade e a facilidade de se vincular e desvincular de algo com extrema facilidade são engrenagens que fazem com que elas funcionem. Como disse Bauman (2016), em entrevista ao Jornal El País:

A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas.

O futebol está capitalizado e os meios de comunicação também são empresas, prezando por promover o que é mais interessante para si e, às vezes, isso faz com que a distribuição de oportunidades seja desigual. Alternativas estão surgindo e podem, com o tempo, dar visibilidade também àqueles que tanto precisam.

5.3 Educação x treinamentos x tempo

Uma das pautas mais recorrentes quando se trata da escolarização de jogadores de futebol é a questão que diz respeito à possibilidade de conciliação entre a dinâmica e árdua rotina de treinamentos e jogos e a rotina de estudos. Entende-se que as questões logísticas para a realização da dupla jornada dificultam o processo, com viagens que podem se prolongar por alguns dias, no caso de partidas fora de casa, com o curto espaço entre o término dos treinamentos e o início da aula (isso quando o centro de treinamento não se localiza a

quilômetros das instituições de ensino) e o próprio desgaste físico causado pela prática do esporte. Aluno cansado dificilmente presta atenção na aula.

À medida que o atleta vai se aproximando da profissionalização no futebol, a tendência é que vá se distanciando dos estudos. Todavia, devemos considerar que qualquer trabalhador fora do futebol, que também cumpra uma jornada de estudante, precisa encontrar meios para conciliar ambos e, provavelmente, com maior dificuldade que os atletas de futebol, que, em algumas situações, possuem certos privilégios. O participante 02 comentou sua experiência no ensino superior e relatou que, quando necessário, havia compreensão por parte dos professores em relação a faltas por motivos da profissão:

E outra, eu, quando estava começando a estudar ainda, era atleta profissional. Na faculdade onde eu me formei, eu conversava com os professores, eles me ajudavam nas faltas, e isso vem do interesse de cada um, porque o jogador sim, que joga de domingo a domingo, eu entendo, eu fazia isso, [precisa de] concentração e descansos para poder estudar. Isso é uma desculpa que no meu ver não condiz.

O entrevistado 01 apresenta uma linha de raciocínio parecida com a fala do colega anterior, citando uma rotina de treinamento pesada, mas em que é viável a conciliação com os estudos formais. Ele diz: “Na época, era castigo, eram dois períodos de trabalho. Eu procurei sempre me esforçar ao máximo em ambas as situações porque o futebol ele é uma incógnita, você não sabe o amanhã.” Percebe-se que ele já tinha a ideia de ter um plano “B”, alternativo à carreira de jogador, devido à imprevisibilidade do esporte. Ele continua dizendo:

E sobre conciliar treinamento e estudo dá pra fazer, porque eu consegui fazer, eu consegui terminar meu ensino médio treinando. Lógico, meu período da faculdade, eu retardei um pouco esse processo. Mas, hoje, por ter conseguido terminar o ensino médio nesse período em que treinava, eu consegui dar sequência nos meus estudos. Então, dá pra conciliar, é só uma situação de você querer, você procurar não criar barreiras, entendeu? Isso sim é a maior limitação, porque quando o ser humano quer, ele dá um jeito de fazer.

O entrevistado 04, também, quando indagado sobre a conciliação entre os treinamentos e os estudos, diz que acredita ser possível a conciliação e relatou um pouco da sua experiência:

É possível, é possível. Na minha época, também, a gente treinava de manhã, de tarde e, né, não era todos os dias... à noite, estudava, né? É difícil, é cansativo, o futebol exige bastante esforço físico, mas é uma coisa que você está almejando, e quando você tem um sonho que você almeja, as barreiras e dificuldades, você tem que passar por cima de tudo isso.

Durante as entrevistas, notou-se que os atletas atribuíam muito valor à formação integral, tanto esportiva quanto intelectual, esforçando-se, dentro do possível, e otimizando o

tempo para que a profissão pudesse ser exercida sem abandonar a educação formal. Na opinião dos atletas, a principal limitação para a não conciliação entre os dois elementos citados seria criada pela própria mente. No caso deles, entendeu-se a importância dos estudos e, mesmo sob forte cansaço e agenda adversa, foi possível conciliar.

O entrevistado 03 viveu uma situação um pouco diferente dos demais; entretanto, também acredita que a conciliação vida/rotina de atleta de futebol e educação é possível. Outro ponto importante da fala deste nosso entrevistado é que ele foi o que iniciou a carreira primeiro, anos 80, então algumas “facilidades” que os outros entrevistados tiveram não estavam à sua disposição. Observe a sua fala:

Naquela época, não existia muito a questão de incentivo por parte dos clubes a estudar, infelizmente. Hoje, eu acredito que as oportunidades, elas são inúmeras, porque nós temos, inclusive, muitos cursos à distância, o que na nossa época tinha que ser presencial. Então, nunca dava para conciliar, eu tentei, inclusive, quando terminei o futebol, faltava o 3º ano do segundo grau, para me formar no 2º grau. Posteriormente, eu vim a me formar.

O equilíbrio entre o corpo e a mente é algo apontado desde os tempos antigos para se viver uma vida com harmonia. Lembro-me do primeiro semestre cursando o mestrado, quando nos foi apresentado o conceito grego de Paideia. De acordo Oliveira e Oliveira (2014, p. 209-210),

O termo está longe do objetivo de ensinar ofícios, técnicas ou especialidades, mas aponta para um programa educativo direcionado à juventude, que engloba a ginástica (*gymnastiké*), a música (*mousiké*) e ensinamentos gerais, humanistas e morais. Estas atividades servindo mesmo para o desenvolvimento da alma, fornecem, ao mesmo tempo, dimensões equilibradas ao corpo (o corpo é a morada da alma).

O entrevistado 05 nos conta que, quando iniciou a trajetória profissional, já havia acabado o ensino médio, tendo concluído o ensino fundamental e o médio sem maiores problemas de conciliação. Durante a carreira, atuou bastante tempo em clubes de elite, com a agenda muito apertada, por isso, citou dificuldades em conciliar, porém, abordou um aspecto interessante em relação à educação de jogadores de futebol, que é a escola clubística. Quando teve a oportunidade, ele fez uso dela para começar e terminar o ensino superior:

É, no início, quando eu comecei a jogar futebol, eu já tinha o segundo grau formado. Depois, com o decorrer do tempo, no clube onde eu estava jogando não tive essa oportunidade porque também não dava, por causa de viagens e outras situações, mas depois chegou um tempo em que eu tive a oportunidade [...] o clube tinha a gestão de uma faculdade, aí eu tive essa oportunidade de estar estudando, eu optei por estar estudando. Bem, nesse projeto que foi sendo inserido ali, já estava no meio para o final da minha carreira, para ter um objetivo maior para depois que eu parasse de jogar.

O entrevistado 04 também fez uso do mesmo mecanismo para a conclusão do ensino superior: “Eu conseguia conciliar o futebol com a faculdade, eu consegui, em 2010, me formar em administração e acredito que isso também... eu só tenho a agradecer e isso me ajudou muito na questão do novo trabalho”. O modelo de escola clubística, quando se refere ao ensino superior, mostrou-se benéfico para a formação intelectual dos atletas.

Também, temos um ponto de vista interessante vindo do terceiro entrevistado, que acredita que pode ser uma boa ideia e fez alguns apontamentos sobre isso:

Se for bem feito, se for bem pensado, se for bem planejado, ela é válida, porque tu, tendo à sua disposição, ou tu não ter um horário pré-determinado para tu participar dos seus estudos, então tu ter a liberdade de conciliar os estudos com as partidas, com as viagens, que, realmente, o jogador de futebol passa metade da sua vida, da sua carreira, dentro de hotel, avião ou ônibus, né? Então, isso é, infelizmente, existe hoje. Tendo essa oportunidade de um clube te colocar à disposição dentro do próprio clube, claro, com planejamento adequado, com uma infraestrutura boa, com profissionais capacitados para realmente dar o necessário, dar o conhecimento que esses jovens precisam. E se você for só por protocolo, e tu não ter o conhecimento junto, tu não aprender junto, de nada adianta, tá? Para dizer assim, eu tenho um diploma de médico, mas se na primeira consulta tu vai matar teu paciente, então, não tem validade. Então, com uma estrutura boa, é claro, é uma coisa viável.

No que se refere à escolarização fundamental e básica, a escola clubística pode reduzir o campo de alcance dos atletas-estudantes, não permitindo a fuga para fora do futebol, principalmente, quando a escola for do próprio clube. No entanto, isso não significa que isso seja a regra, pois, como afirmam nossos entrevistados, o que parece ser o fato crucial para conseguir conciliar futebol e estudos formais é o interesse do próprio aluno. Como nos diz Charlot (2006, p. 16): “O que vai produzir ou não o conhecimento é a atividade intelectual do aluno, e este tem a capacidade de bloquear todo o processo”.

Isso não responde à questão de querer estudar, responde ao fato de o aluno querer aprender ou não e, para querer, deve haver interesse e deve-se considerar o estudo importante. Os entrevistados que fizeram uso da escola clubística utilizaram-na para o ensino superior, durante o qual se supõe que já tenham plena consciência das consequências dos seus atos e do que é melhor para sua vida, diferentemente dos adolescentes e jovens, que, no final da história, são movidos pelo sonho do futebol, não enxergando o estudo, em um primeiro momento, com grande valor.

O grande diferencial dos entrevistados está relacionado com a estrutura familiar. No começo, podem ter retardado o início dos estudos, principalmente o nível superior, mas, ao término da carreira, estavam prontos para exercer uma nova ocupação, como é possível observar em outras categorias. O interesse que cada um possui em relação aos estudos é

individual. Entretanto, o incentivo da família e a conscientização daquilo que o estudo pode vir a representar no futuro partem do convívio mais próximo à família, e isso representa um grande diferencial na vida do atleta, que se submete a uma carreira relativamente curta e cheia de incertezas.

Os participantes deste estudo conseguiram, da maneira que foi possível, obter sucesso na conciliação entre a carreira de jogador de futebol profissional e os estudos formais, tanto que os participantes 04 e 05 são formados em administração de empresas, o participante 02 em direito, o participante 01 está cursando educação física e o 03 possui ensino técnico. Falando de ensino superior, esses atletas também tiveram uma logística ideal, pois, a partir de seus méritos dentro de campo, conseguiram uma longevidade em único clube, facilitando a conclusão dos estudos sem bruscas interrupções.

Como bem colocado por Masschelein e Simons (2021, p. 52), “enquanto a motivação é uma espécie de caso pessoal, mental, o interesse é sempre algo fora de nós mesmos, algo que nos toca e nos leva a estudar, pensar e praticar”.

5.4 A importância da educação

De acordo com Masschelein e Simons (2021), a escola é uma invenção específica e política da polis grega, que surgiu como uma forma de tomar os privilégios das classes aristocráticas e militares de Grécia Antiga. Os autores defendem que “a escola fornecia tempo livre, isto é, tempo não produtivo, para aqueles que por seu nascimento e seu lugar na sociedade (sua posição) não tinham o direito legítimo de reivindicá-lo”. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2021, p. 26). Os autores também descrevem a invenção da escola como a “democratização do tempo livre”.

Fazendo uma relação com a categoria que trata dos problemas entre a conciliação do tempo entre o esporte (trabalho) e os estudos (escola), os entrevistados e os atletas, de uma forma geral, também, podem encontrar na escola uma forma de tempo livre, pois não estão no seu meio de trabalho (futebol) e podem fazer uso desse tempo como um investimento na sua formação intelectual. O entrevistado 01 nos conta um pouco da sua formação escolar e como ela é não só em relação aos conhecimentos específicos, mas abrange conhecimentos de mundo e do ser humano:

Comecei a buscar uma especialização maior depois de um certo período, mas lógico que ela contribui, porque você acaba agregando em todas as áreas e não somente no mundo em que você tá inserido. Uma formação maior, uma visão diferente, acaba abrindo mais opções, né? Não só na disciplina que eu tô fazendo, educação física pro esporte em si, mas todo o conhecimento ele agrega na vida do ser humano.

Quando indagado sobre quais seriam os principais impactos da educação na carreira e no período pós-carreira do atleta, o entrevistado aponta que o principal impacto viria de forma negativa por não estudar e, principalmente, que esses efeitos seriam sentidos após o término da carreira:

O atleta com um nível maior de escolaridade isso vai contribuir a longo prazo, não enquanto atleta profissional, embora ele vai saber se comunicar melhor, enfim, ter uma visão maior sobre os trabalhos que estão sendo feitos, mas é a longo prazo que isso se evidencia bastante, pois, a gente que tá no meio, a gente conhece que eles deixaram de lado um pouco da parte da educação e isso, num futuro, acaba sendo prejudicial porque eles se limitam muito nas funções que futuramente vão exercer. O que vai sobrar pra eles são funções que muitas vezes tem uma remuneração menor, enfim, assim por diante.

Ele continua:

E quanto mais escolaridade, maior formação você tiver, um leque maior de opção de trabalho você vai ter. Assim, se focar muito na questão do futebol profissional, vai chegar num ponto que você vai parar e que você não vai ter essa opção, você vai estar trabalhando no que vai aparecer no momento e não ter aquela opção de você escolher o que vai ser melhor pra tua vida.

É muito nítido que o ex-atleta entrevistado sempre se preocupou com os efeitos negativos que a falta de estudo pudesse causar e reconhece que, quanto mais conhecimento possuir, maiores as chances de sucesso no concorrido mercado de trabalho. Como diz Mosé (2013), a tecnologia fez com que nascesse uma sociedade em rede, facilitando o acesso à informação e, nesse cenário, a formação continuada é ininterrupta.

O entrevistado 02 já acredita que os impactos da educação são visíveis tanto no início da carreira de jogador de futebol quanto no período pós-carreira, pois ela ajuda o atleta a administrá-la e, também, ao término da carreira, abre as portas para novas profissões:

Ah, quem segue uma educação escolar está bem total. Até o impacto escolar, até no início de uma carreira é muito... ó, ajuda muito o atleta no desenvolvimento na forma de ver sua carreira, na forma de conduzir sua carreira... Tomada de decisões, começar a crescer na categoria de base, se tornar um profissional, começar a ir para o auge, saber como levar a sua carreira, muitos desses não se perdem, e a pós, eu posso dizer que sou um exemplo, me abriram portas estudando, buscando espaço, e eu tive uma pessoa que me abriu a porta para trabalhar e falou para mim que, se eu não estivesse estudando, em nenhum momento ia me contratar, não ia me abrir portas e o espaço para trabalhar.

O terceiro entrevistado encara a importância da educação não apenas no sentido restrito daquela ensinada nas salas de aula, mas, também, de uma forma global, desde a maneira de o atleta se portar, mostrando-se alguém culto, desmistificando aquela imagem de jogador limitado

do ponto de vista cultural, incluindo as consequências que isso acarretará no período pós-carreira. Primeiramente, observemos o que ele falou sobre os impactos da educação:

O impacto é enorme. Eu acredito no seguinte, que, na minha época, se falava que jogador de futebol, tu tirando o assunto futebol, esporte é lógico, tirando o assunto carro, tirando o assunto namorada, não existia outro assunto. Eles não tinham conhecimento... A gente tinha pouco conhecimento à parte do futebol, então, por exemplo, hoje, eu acredito, claro que eu não estou convivendo mais com jogador de futebol, mas acredito hoje que o conhecimento, tanto na parte financeira quanto na parte política, quanto na parte social, na parte de perspectiva de futuro, o jogador de futebol tem um pouquinho mais de conhecimento do que na nossa época. Eu digo que o estudo para o jogador de futebol, ele vai abrir mais portas para ele, vamos pôr o exemplo de hoje, existe uma exportação muito grande de jogador para a Europa, para a Ásia... Então, assim, vamos colocar apenas um exemplo típico: se o jogador de futebol tivesse estudado, ou tivesse aprendido uma língua, o inglês, vamos pôr o exemplo assim, com certeza ele ia chegar e não ia sofrer tanto com... chega lá cru e não tem nenhum conhecimento... que eu sofri na pele dá para se dizer, porque eu tive oportunidade de jogar fora e, na época, eu mal falava o português.

O entrevistado também alertou sobre a parte negativa, que, de acordo com o entrevistado 01, seria causada pela ausência da educação durante a trajetória do indivíduo:

Então, muitas vezes esse jogador de futebol, por falta de conhecimento, é lógico, da sua família, teria que ter um suporte maior psicológico, um incentivo, daqui a pouco as pessoas que são envolvidas no futebol, como hoje tem diretor técnico, diretor disso, diretor daquilo, o supervisor... teriam que ter uma atenção muito próxima a esses jogadores aqui, para darem o incentivo necessário para eles se capacitarem para uma vida que daqui a pouco o futebol, o futebol não dará o retorno que eles sonham. Então, tem que ter uma capacitação para não... daqui a pouco, não ter que implorar um favor de “A” ou “B”, para tu estar encostado ou o clube te oferecer um suporte depois que tu largou do futebol, como está inserido no meio, mas tu não tem uma profissão adequada sem o estudo.

O quarto entrevistado indica que os principais impactos que a educação teve na sua vida e rotina foram a capacidade de adaptar-se à demanda e velocidade com que as coisas funcionam hoje no mundo, além da capacidade de lidar com pessoas, afinal, na profissão de vendedor, esta é uma situação corriqueira:

Olha, eu acredito que, falando por mim, assim, além da base familiar, a gente presa muito..., acho que os estudos, você ter uma formação, você procura ser um ser humano, quando você aprende com os estudos, o colégio, com as amizades, com amor ao próximo... acho que isso aí ajuda para sempre, para a vida toda, né? Então, eu só tenho a agradecer por isso, e dizer que, com toda essa formação, agora, eu venho colhendo os frutos, também, na minha nova profissão, porque queira ou não queira, como vendedor externo, a gente tem que estar e poder se relacionar com as pessoas, né? Hoje é difícil, hoje você vai, na minha profissão como vendedor, as pessoas estão muito carentes, e o mundo está muito rápido, a gente tem que estar todo dia fazendo uma coisa, e no outro dia precisa estar fazendo outra, é muito ágil, a gente precisa estar preparado, principalmente, psicologicamente, e a gente age, às vezes, como um psicólogo, né? E esse retorno, esse feedback que a gente tem com o cliente, é muito bom. A gente consegue... faz com que a gente interaja, crie novas amizades, e o estudo para mim, na minha profissão, foi, assim, primordial.

A educação, para o participante 04, não lhe está sendo útil apenas no sentido formal, mas, também, em outras áreas do conhecimento. Fato interessante lembrado pelo participante é quanto à dinâmica das relações, pois, atualmente, tudo está muito rápido, como bem lembrado por Tedesco (1995, p. 17): “a rápida e profunda transformação tecnológica, assim como a globalização e a competição exacerbada pela conquista de mercados, está modificando os padrões de produção e organização do trabalho”.

Para o encerramento desta categoria, temos a fala do quinto entrevistado, que sintetiza muito bem os objetivos deste trabalho, tratando do valor que deve ser atribuído à educação para os atletas profissionais de futebol, durante o período ativo, para que não sejam negativamente surpreendidos no futuro:

Você tem que estar preparado, mas, isso, nada garante, nem de um atleta quando começa, ninguém garante que ele vai ser profissional. Nós vivemos muitas experiências hoje... é por isso que é importante o estudo, daqui a pouco a pessoa larga tudo, a família, larga tudo em prol do filho e, muitas vezes, não chega a lugar nenhum e, depois, se frustra. Então, hoje, a carreira profissional, mesmo que você chega em um... jogue o futebol, também vai chegar o momento que vai terminar a carreira, você tem que se adaptar, você tem que buscar alguma coisa porque você pode se frustrar. Eu sempre falo o seguinte, que o futebol tem de tudo: no momento em que você está jogando futebol, você é visto, você é lembrado e, muitas vezes, quando você para de jogar futebol, muitas vezes, as pessoas esquecem. E, muitas vezes, a gente já tem relatos de muitos atletas com depressão por causa dessa situação, é que, no momento em que estava no auge, as pessoas ovacionavam, as pessoas conheciam, as pessoas conversavam e, hoje, daqui a pouco, você está passando na rua e é um desconhecido. Então, muitas vezes, as pessoas, elas entram em depressão, por isso que é importante estar se preparando em termos de estudos, para que você possa ter outras carreiras e você não acabe se frustrando.

A fala acima vem carregada de extrema lucidez em relação ao que é a carreira de jogador de futebol profissional. A carreira vai muito além das quatro linhas. A dedicação é física e mental também. Alto risco e alta recompensa estão envolvidos para conseguir se tornar um grande jogador, não existindo garantia de nada. Então, além de não ter se tornado um jogador de sucesso, o indivíduo pode ter desperdiçado o tempo que poderia ter sido investido, concomitantemente, na formação escolar também. Assim, o entrevistado resume a pauta desta maneira:

Você, quando está com o estudo, você vai ter esse conhecimento, e você vai estar podendo colocar dentro do seu trabalho também. E pós é como eu disse, pós-carreira você já tem uma formação, pelo menos você já tem uma direção, no momento em que você não tem nada disso, vai ter que começar do zero, porque a experiência que você teve sempre foi no futebol e, se você não estiver dentro do futebol, você vai chegar no mercado de trabalho, muitas vezes, e você não vai ter essa oportunidade, então, é bem difícil... Mas, se o pessoal está consciente disso, pode conciliar e pode estar fazendo as duas coisas.

5.5 A carreira está encerrada! E agora?

Segundo dados do IBGE, o Brasil fechou o primeiro trimestre de 2022 com uma taxa de 11,1% de desempregados, ou seja, 11,9 milhões de pessoas. As vagas de trabalho tornam-se cada vez mais concorridas e todo diferencial possível do candidato é uma vantagem sobre os demais, porém, também, não representa uma garantia de emprego. Agora, imagine essa situação para um ex-atleta de futebol profissional, que não fez fortuna e cujos ganhos permitiram apenas suprir as necessidades do momento, que está saindo do futebol e procurando uma nova ocupação no mercado de trabalho. Os conhecimentos adquiridos no meio do futebol são muito específicos e, dificilmente, vão se encaixar fora do esporte.

Muitas vezes, a “salvação” desses ex-atletas é continuar trabalhando com o esporte, mas em um cargo técnico ou de gerência. No entanto, o esporte também não consegue reabsorver em outras funções todos que penduram as chuteiras e, em consequência, muitos terão de buscar novas oportunidades de emprego no mercado, e é nesse momento que se sobressai quem, durante o período atuando como profissional do futebol, preocupou-se em com isso, já prevendo que necessitaria de trabalho no período pós-carreira, mesmo sabendo que educação não é garantia de emprego ou de bom emprego, mas, com certeza, ajuda.

O planejamento familiar também é fundamental nessa situação. A base familiar servirá de alicerce para o atleta antes, durante e depois da sua carreira, tendo papel decisivo nas escolhas e emoções. Um dos atletas entrevistados nos lembrou da cruel realidade daqueles atletas que não se planejam e não estudam, ficando impossibilitados de enxergar o período depois do futebol. Suas palavras são essas:

[...] Esse planejamento familiar são poucos que fazem... Temos um caso lá, recentemente, com um atleta que jogou com nós, e ele...Bah, há um ano já manda mensagem dizendo passar por dificuldade financeira, era um atleta que jogou em uma equipe pequena, toda vez que vinha trazia mulher e filha, porque o futebol no interior é difícil, se tu não deixar sua mulher se estabilizar, ter um emprego, e ele trazia junto, com uma renda que nem mensalmente poderia passar aqui e agora que parou de jogar... essa situação é complicada, a gente vê, acompanha o grupo de amigos e de jogadores, estão toda hora pedindo ajuda financeira.

Inclusive, isso acontece também com atletas famosos e bem-sucedidos, que não foram instruídos de forma satisfatória, tanto culturalmente quanto intelectualmente, para fazer a gestão do próprio patrimônio, que, apesar de durante o período atuando como profissionais terem gozado de muito prestígio, acabam no sofrimento e na pobreza. Talvez o caso mais conhecido, no Brasil, seja o de Garrincha. Considerado um dos melhores jogadores do futebol brasileiro, quiçá do mundo, um dos mais talentosos de todos os tempos, sofreu com diversos problemas,

a maioria relacionados ao alcoolismo, terminando a vida de forma melancólica. Castro (1995), em sua obra “Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha”, conta a trajetória do jogador, que, apesar de brilhante dentro de campo, não teve o mesmo sucesso fora dele, falecendo cedo, aos 49 anos, em decorrência de complicações do álcool, sem nenhum dinheiro.

As escolhas feitas durante a carreira como atleta refletem-se na vida tempos depois. O atleta que valoriza o estudo e compreende que um planejamento de vida é importante para seu futuro, ainda durante seu período ativo como profissional, maximiza as chances de sucesso ao buscar uma nova ocupação. Em dado momento da carreira e refletindo sobre ela, o atleta saberá se seus ganhos durante o período ativo como jogador profissional vão lhe garantir uma “aposentadoria” tranquila ou se ele terá de seguir trabalhando, mesmo após o término da carreira. Os atletas que viveram apenas o momento, recebendo um salário que garantia, basicamente, a subsistência, e não se planejaram, estrategicamente, para o término da carreira como atleta profissional de futebol, provavelmente, terão mais dificuldade em encontrar opções e inserir-se em uma nova profissão no mercado de trabalho, seja ela no futebol ou não.

Voltar para o meio do futebol pode ser uma zona de segurança para os ex-atletas, principalmente para os que possuem menor escolaridade. São incontáveis os exemplos de antigos jogadores que hoje trabalham em um clube de futebol profissional, geralmente, em um que atuaram nos tempos de competidor - pode ser em cargos técnicos (treinador, auxiliar, preparador) ou em cargos de gestão esportiva, profissões em que os específicos conhecimentos adquiridos anteriormente no futebol têm bom uso. Entre os entrevistados, apenas o número 01 trabalha na área, em cargo de gestão; outros já tiveram experiência, mas mudaram de ramo.

Esse mesmo participante (01), no período pós-carreira, primeiro trabalhou como motorista para uma empresa local e, depois, retornou ao futebol, primeiramente como roupeiro. Hoje, exerce cargo de supervisor no clube, abaixo dos principais diretores, porém acima da antiga função na hierarquia do futebol, função também responsável pela sua felicidade, pois, para ele, trabalhar no meio esportivo também é uma realização. Ele acredita que o fato de estar cursando o nível superior (em educação física) pode ter impulsionado sua ascensão:

Como é um meio de trabalho a que eu sempre tive ligado desde muito pequeno, e o esporte é uma área da qual eu gosto desde sempre, isso me motivou a voltar pro mundo do esporte, tinha me desligado por um certo tempo....

Ele continua:

É um motivo de felicidade estar no meio do esporte, isso que eu me refiro. Enquanto eu estava em outra função, não é que eu não gostava, é que eu não tinha toda a vontade de continuar como eu tenho no esporte. Como eu falo para os meus familiares, o esporte é minha vida.

Sobre a importância de estar cursando o ensino superior, ele resume da seguinte maneira: “De primeiro instante, eu era roupeiro e, no momento em que eu iniciei a faculdade, começaram a me olhar com outros olhos [...]. Eu acredito que, concluindo a minha faculdade, ainda mais portas vão se abrir”. A fala vem carregada de satisfação por estar colhendo os frutos de sua decisão de ter investido seu tempo nos estudos e por poder vivenciar seu mérito, com uma pitada de esperança de que as coisas possam melhorar ainda mais, bastando ir atrás do conhecimento, pois este é para toda a vida.

Ainda sobre essa fala, é possível analisar um outro aspecto que surgiu durante a conversa. Quando questionado se ele achava que os atletas no período pós-carreira têm dificuldade para se desligarem do esporte, ele assim respondeu:

Eles têm certa dificuldade, acredito eu. Hoje, falando em futebol, se muitos dos atletas que se desligam, alguns pode ser que não venham a praticar o futebol em si, mas eles procuram outras áreas para poder preencher esse espaço que o esporte deixa [...] eles não conseguem se desvincular total, ou eles continuam praticando o futebol amador, a pelada, mas, total, eles não conseguem se desligar.

O ex-atleta, participante número 02, também trabalhou no meio do futebol logo após pendurar as chuteiras, atuando como treinador da equipe sub-20 de um clube e, posteriormente, foi promovido a auxiliar técnico da equipe profissional. Após a passagem pelo clube, ele, que havia cursado a faculdade de direito durante o período como atleta, aceitou convite para trabalhar com a direção de esportes no município em que reside e espera a chegada da carteira da OAB para poder advogar. Ele também manifestou que, mais tarde, gostaria de trabalhar novamente com o esporte:

Eu, depois que me aposentei dos gramados, segui um ano como treinador do sub-20, depois auxiliar técnico da equipe profissional. Na sequência, saí do meio, mas fui convidado para trabalhar na prefeitura, na área dos esportes, na Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, e hoje sou assessor parlamentar, mas, nesse tempo, eu retornei para jogar no clube (clube da cidade natal). Nos últimos anos, eu comecei a cursar direito e, hoje, sou formado, e tô aqui esperando receber a carteirinha para poder atuar como advogado.

Sobre as razões que levaram o participante a inserir-se na nova ocupação, ele falou:

Foi querer continuar atuando na gestão de atletas. Colocar atletas em clubes, eu teria a necessidade ou de fazer um curso na CBF ou direito, mas, no momento em que eu ingressei na faculdade, já se abriram várias outras possibilidades, outros mercados para atuar, então, é isso aí em que eu estou pensando, mas ainda gostaria de seguir no esporte, mas agenciando atletas, nessa parte.

O entrevistado 05 também possuiu uma breve experiência no futebol profissional após o término da carreira como atleta, porém, optou por atuar em outro segmento:

Bom, após o término da minha carreira profissional, eu fiquei um pouquinho dentro do futebol, como gestor, mas não foi muito tempo. Depois, eu vi que não tinha essa aptidão para estar ali no meio, por fatos pessoais. Aí, eu comecei a trabalhar na linha de distribuição, na linha Pet... Então, hoje eu estou trabalhando nessa linha, como gerente de uma empresa e, através de tudo isso, através da oportunidade que eu tive de estar estudando e me formando.

Observe-se que esse entrevistado possui ensino superior em administração de empresas e que, a certa altura da carreira, percebeu a necessidade de ingressar no ensino superior para poder ter maiores oportunidades em outra profissão depois do futebol:

Depois, com o decorrer do tempo, com os anos avançando, o pessoal também já era incentivado a estudar e estar fazendo outras coisas por conta do futebol, ter um tempo... Então, você tem que estar se adaptando, ou se formando em algo no que você possa depois de parar a tua carreira profissional tu ter algo para estar fazendo [...]. No momento que eu tive essa oportunidade, eu já estava pensando no pós-futebol. Tendo essa oportunidade, eu me formei em administração, depois eu fiz pós-graduação, também, e agora estou inserido no mercado de trabalho com mais facilidade.

Nosso outro entrevistado, formado em administração de empresas também, contou como foi se preparando e como lidou com a transição de profissional no futebol para se tornar profissional em outra área:

Em 2012, eu acabei deixando a profissão de atleta profissional. Quase... vinte e vinte um anos (de carreira). E aí foi uma experiência onde, em razão de entre irmãos, de três irmãos, a gente abriu um negócio próprio. Então, foi onde surgiu a ideia de nós abirmos uma empresa de produtos, uma pet shop, eu e mais dois irmãos, e em 2013, nós começamos a nossa... o nosso trabalho na área ali da nossa empresa da linha de pet shop.

Ele continua:

Não, eu, um ano antes, ainda na carreira de atleta, a gente já vinha estudando, planejando, né, porque a gente sabe que precisa ter já alguma coisa em vista, pois você para na carreira de atleta profissional... e nós, conversando entre nós, irmãos, a gente resolveu abrir uma empresa familiar... e, desde 2012, até hoje, nós estamos atuando nessa área. Eu faço mais a parte externa como vendedor também.

Coincidentemente, os dois últimos entrevistados citados formaram-se em administração e trabalham com pet shops. Nesses casos, também, é perceptível o aproveitamento dos conhecimentos aprendidos no meio do futebol, no caso a relação com as pessoas. Como eles precisam lidar com clientes e, no futebol, o contato com pessoas é muito grande, isso pode ser convertido em uma facilidade para quem migrar para esse ramo de trabalho.

O entrevistado 03, que foi o primeiro a começar a carreira, nos anos 80, comentou que teve dificuldades para fazer a transição e passou por algumas ocupações primeiro, antes de se estabilizar:

Bem, eu tive uma dificuldade muito grande no pós-futebol. Eu, na época, eu tinha um filho, e a gente ficava preocupado no que ia fazer depois do futebol. E, infelizmente, a gente não tinha uma preparação, ou seja, não estudamos, né? Foi relegado a segundo plano o estudo, infelizmente. Mas, com força de vontade, a gente iniciou as atividades, né? Felizmente, consegui com que eu desse certo em todas elas, vamos dizer assim, eu trabalhei com comércio, com mercado, como motorista de caminhão e, ultimamente, tenho trabalhado como corretor de imóveis. Hoje, já estou quase me aposentando, então, dá para se dizer assim que a gente está aproveitando um pouquinho mais a vida.

Questionado sobre os motivos que o levaram a escolher a nova ocupação e se gostaria de voltar ao meio do futebol um dia, ele não descarta completamente a possibilidade, mas encontra-se bem resolvido em outros empregos:

Foi a necessidade, no caso, foi a necessidade de tu ter uma fonte de renda para conseguir desafios novos. Porque, tranquilamente, se você, daqui a pouco, quisesse continuar ligado ao futebol ou em alguma atividade. Eu gosto de desafios na minha vida, então, preferi optar por outra atividade à parte do futebol [...]. Claro, o futebol, ele é paixão, o futebol, a gente, quando começa alguma carreira futebolística, cem por cento é a paixão que tu tem pelo futebol. Então, com certeza, se aparecesse uma oportunidade de voltar a me inserir no futebol, claro, não como jogador, porque isso, é lógico, mas desempenhando alguma atividade, iria pensar com bom grado em retornar para essa atividade.

Ao concluir as entrevistas, parece haver uma unanimidade entre os participantes, a de que houve uma preocupação prévia com a formação escolar durante e no pós-carreira, justamente pelo fato de facilitar a reinserção no mercado de trabalho. Todos, alguns com mais, outros com menos dificuldades, puderam continuar suas atividades profissionais em outras ocupações. Segundo Masschelein e Simons (2021, p. 111-112), “[...] o emprego se torna cada vez mais uma responsabilidade do indivíduo. O indivíduo é batizado como um aprendiz (ao longo da vida), a aprendizagem é um investimento no próprio capital humano do indivíduo [...]”.

Durante a trajetória esportiva, os alunos podem até receber incentivo e estrutura por parte dos clubes/equipes para conciliar a rotina de atleta com a de estudos, mas o desempenho fica sob a responsabilidade de cada um. Em determinado momento da carreira, o atleta terá uma noção se sua vida após o futebol será trabalhando em outra área ou curtindo a vida às custas da fortuna que acumulou como profissional. No primeiro caso, como já frisado anteriormente, não existem garantias de reinserção com sucesso, mas, certamente, quanto mais estudo, melhor.

Toda forma de conhecimento é importante, inclusive aqueles adquiridos no meio do futebol, de caráter mais informal, ou o conhecimento formal, recebido em sala de aula, pois esse é o grande papel da educação, seja em relação a conhecimento de mundo, seja em relação a ter a capacidade de se situar em qualquer que seja a situação, não abrindo brechas para a alienação. Como diz Freire (1992, p. 85-86),

O que tenho dito sem cansar, e redito, é que não podemos deixar de lado, desprezado como algo imprestável, o que educandos, sejam crianças chegando à escola ou jovens e adultos a centros de educação popular, trazem consigo de compreensão de mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática social de que fazem parte.

Especificamente, os nossos entrevistados chegaram na fase final de carreira preparando o terreno para que, após o término dela, pudessem estar preparados para os novos desafios que encontrariam no mercado de trabalho, tudo isso muito em parte devido ao investimento feito por eles na educação. Hoje, estão estabilizados e com empregos que lhes garantem qualidade de vida. O que teria acontecido caso tivessem relegado a educação durante toda sua trajetória profissional e de vida? Será que estariam em situação mais difícil? São respostas que, talvez, nunca teremos, mas a única que podemos vislumbrar, no momento, é a de que a educação agilizou e contribuiu para a reinserção dos participantes no mercado de trabalho.

O estudo é fundamental, principalmente para aqueles que vieram de uma carreira com conhecimentos tão específicos, que exige dedicação integral, embora muitos apostem que o esporte trará uma condição de vida que dispense uma nova profissão no futuro. Para alguns, isso acontecerá mesmo, mas para uma parcela muito pequena entre tantos jogadores que atuam no nosso futebol. Então, quem estudou aumenta as chances de, após seu tempo como atleta profissional acabar, poder continuar trabalhando de forma digna, garantindo o bem-estar das suas famílias. Como dizem Masschelein e Simons (2021, p. 112):

O evangelho: a empregabilidade é o caminho para comprar a sua própria liberdade e contribuir para o progresso social! O sermão: não se aliene e não dê de ombros à sua responsabilidade para com a sociedade! O lembrete tranquilizador: deixe aquele que não tem necessidade de aprender atirar a primeira pedra!

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar-se nas considerações finais de uma pesquisa, percorreu-se um caminho em busca de respostas que atendessem aos objetivos que instigaram a sua realização. Resultados foram obtidos ao final do roteiro, que incluiu muito diálogo, muita investigação e compreensão, permitindo que algumas conclusões fossem formuladas, para o compartilhamento e enriquecimento em torno das produções acerca do tema.

O principal objetivo deste trabalho foi compreender como os atletas de futebol profissional veem o papel da educação na carreira e no pós-carreira e quais os impactos disso na sua inclusão na sociedade e no mercado de trabalho no período pós-carreira, além de outros objetivos específicos já citados neste trabalho. Para que esses objetivos fossem alcançados, o pesquisador foi a campo, para entrevistar os participantes, todos ex-atletas de futebol profissional, dando continuidade à pesquisa.

Os objetivos foram atingidos, pois, no decorrer das entrevistas e das respectivas análises, identificou-se o papel da educação nos períodos referentes à carreira e ao pós-carreira dos atletas e, também, de que forma ela impactou na inclusão dos atletas na sociedade e no mercado de trabalho ao término da trajetória esportiva. Os participantes compreendem o papel da educação, durante seu período ativo como profissional, como uma forma de gerenciar melhor sua carreira, além de melhorar aspectos como a imagem pessoal e a forma de se expressar, permitindo que possam sair momentaneamente do universo do futebol, por terem sido apresentados a uma gama mais vasta de temáticas e interesses. No período pós-carreira, a educação foi identificada como um facilitador para a reinserção dos participantes, de modo global, pois eles compreenderam, em determinado período da carreira, que teriam de continuar trabalhando em uma nova ocupação quando “pendurassem as chuteiras”, e a educação formal forneceu as condições para que se encaixassem em novos empregos de forma quase imediata.

Ao procurar respostas sobre as estratégias de conciliação entre a formação acadêmica e a formação esportiva, percebeu-se, no relato dos participantes, dificuldade para conciliar tais tarefas. Porém, observou-se que isso era possível, independentemente da apertada rotina. Apesar de, na maior parte do tempo, o atleta estar imerso em treinos e competições, além de enfrentar o cansaço ocasionado pela rotina, com um pouco de esforço, eles conseguiram dar atenção aos dois aspectos, educacional e esportivo. Algumas estratégias facilitadoras também foram utilizadas para a conciliação, como a parceria entre instituição escolar e instituição esportiva e uma maior compreensão por parte dos professores em relação à rotina dos atletas.

Percebe-se que, ao término da trajetória como atletas profissionais, os entrevistados não tiveram maiores dificuldades e nem precisaram ficar desempregados até conseguirem se encaixar em uma nova ocupação, fato esse explicado pela qualificação proporcionada pela educação e pelo planejamento prévio que fizeram, não se dando ao luxo de apenas seguirem o rumo da carreira, sem se preocuparem com o futuro fora do universo do futebol. A educação despertou a consciência dos participantes em relação ao que deveria ser feito após a carreira terminar, culminando na possibilidade de uma vida digna para eles e, como a educação não possui prazo de validade, será utilizada pela vida toda, diferentemente do futebol.

Entre as limitações do presente estudo, podemos evidenciar a regionalidade em que foram realizadas as entrevistas. Este trabalho coletou suas amostras na região sul do Brasil, que possui um contexto de bons indicadores em relação à educação. Segundo o IBGE, em levantamento feito pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 2019, a região possui uma taxa de escolarização bem alta, 91,6% para o grupo de idade entre 15 e 17 anos, por exemplo (idade esta em que os jovens atletas estariam em condições de assinarem seu primeiro contrato profissional), além de baixas taxas de analfabetismo. Como diz Freire (1992), o respeito ao contexto cultural é importante e, possivelmente, poderíamos ter relatos diferentes em outras localidades do país. Como possibilidade de avanço nos estudos, sugere-se a necessidade da realização de pesquisas em diferentes regiões e com uma abrangência maior de entrevistados.

Apesar do pesquisador já ter vivenciado a carreira como atleta profissional de futebol e, hoje, também ser ex-atleta, pode-se dizer que as entrevistas foram desafiadoras, pois cada trajetória é única e, segundo Bondía (2002), as experiências e os saberes das experiências são diferentes para cada um.

A problemática foi enfrentada, considerando-se que os impactos da formação escolar na carreira e no pós-carreira do jogador de futebol profissional foram esclarecidos, alertando-se para que se valorize a educação escolar durante o período ativo como atleta profissional de futebol e, por mais que seja cansativo e, às vezes, complicado, a conciliação entre o esporte e os estudos é possível.

A carreira de jogador no mundo e no Brasil, principalmente, segue sendo muito disputada. Esse aspecto, aliado à tradição nacional de que não se incentiva o atleta a estudar, gera as condições ideais para o atleta focar apenas no esporte e esquecer quase que por completo a formação escolar. No entanto, a carreira encerrar-se-á, um dia, e aquele que não acumulou riqueza suficiente para viver de forma estável, sem precisar preocupar-se com um trabalho tradicional, terá o desafio de inserir-se novamente no mercado de trabalho, e em provável

desvantagem, pois, além de faltar o estudo, vem de uma área com conhecimentos muito únicos. Os impactos do estudo estariam ligados a consequências benéficas durante e no pós-carreira, despertando o atleta em relação à sua condição de trabalhador, ainda no período ativo, e preparando-o para se reinserir de forma mais tranquila em uma nova profissão futura.

Para se dedicar aos estudos, durante a carreira profissional, concessões devem ser feitas, também. Provavelmente, aquele atleta que escolheu estudar estará em aula no mesmo momento em que um colega seu poderá estar descansando ou se divertindo. Entretanto, no seu lúcido entendimento, é algo necessário a ser feito e que poderá ser utilizado por toda a vida e durante a carreira.

Pode-se dizer que o presente trabalho procurou expandir a compreensão sobre os impactos da educação na carreira e no pós-carreira dos ex-atletas de futebol profissional e, também, identificar a importância que esses atletas dão para a educação. No entanto, isso não significa que todas as respostas possíveis aos questionamentos da pesquisa tenham sido esclarecidas ou esgotadas.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 3. ed. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- AMARAL, P. R. T; THIENGO, C. R; OLIVEIRA, F. I. S. Os motivos que levaram jogadores de futebol amador a abandonarem a carreira. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 12, n° 115, p. 3, dec. 2007. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd115/motivos-que-levaram-a-abandonarem-a-carreira-de-jogador-profissional.html>. Acesso em: 18 abr. 2021.
- ANGELO, L. F. **Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol**. 2014. 147f. Tese (Doutorado em ciências). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2014.
- BABBIE, E. **Métodos da pesquisa de survey**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1999.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa/Portugal: edições 70, 1977.
- BARRETO, P. H. G. **Flexibilização escolar a atletas em formação alojados em centros de treinamento no futebol: um estudo na Toca da Raposa e na Cidade do Galo**. 2012. 108f Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. As redes sociais são uma armadilha. **El País**, [S.l.], 8 jan. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html. Acesso em: 01 jun. 2022.
- BOMBASSARO, L. C. *et al.* (Org.). Percursos hermenêuticos e políticos: homenagem a Hans-Georg Flikinger. In: **Modelos de formação humana: paideia, bildung e formação omnilateral**. OLIVEIRA, Avelino da Rosa; OLIVEIRA, Neiva Afonso. Porto Alegre: Edipucrs, 2014. p.208-221.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Trad. João Wanderley Geraldi. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, por Leituras SME.
- BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 jun.2022.
- BRASIL. **Decreto nº 7.984, de 8 de abril de 2013**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d7984.htm. Acesso em: 11 jun.2022.
- BRASIL. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998 (Lei Pelé)**. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998.
- BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 dezembro 2012**. Conselho Nacional de Saúde. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- BRASIL. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Conselho Nacional de Saúde. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- CARRAVETTA, E. S. **Modernização da gestão no futebol brasileiro: perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo**. Porto Alegre: AGE, 2012.
- CARVALHO, J. L. **150 anos de futebol – dinheiro**. São Paulo: SESI – SP Editora, 2015.

CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL – CBF. **Impacto do futebol brasileiro 2018**. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201912/20191213172843_346.pdf. Acesso em: 10 maio 2021.

CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n.31, jan./abr. 2006.

CORREIA, C. A. J. **Entre a profissionalização e a escolarização**: projetos e campo de possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama. 2014. 258f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

COSTA, I. T.; CARDOSO, F. S. L.; GARGANTA, J. O índice de desenvolvimento humano e a data de nascimento podem condicionar a ascensão de jogadores de futebol ao alto nível de rendimento. **Motriz**, Rio Claro, v. 19, n. 1, p. 34-45, jan./mar. 2013.

COUTO, H. R. F. **Esporte do oprimido**: utopia e desencanto na formação do atleta de futebol. 2012. 245f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Nove de Julho. São Paulo, SP, 2012.

CONCEIÇÃO, D. M. **O estudante-atleta**: desafios de uma conciliação. 2015.133f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015.

CUNHA, I. M. M. **Trajetórias educacionais e inclusão social**: relatos de ex-jogadores de futebol profissional de Santarém. 2018. 93f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, PA, 2018.

DA MATTA, R. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro. Pinakotheke, 1982.

DAMO, A. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007.

DECONTO, Eduardo. Demissões, sufoco e incertezas: há 100 dias sem futebol, interior gaúcho vê futuro em xeque. *In*: GLOBOESPORTE.COM, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/campeonato-gaucha/noticia/demissoes-sufoco-e-incerteza-ha-100-dias-sem-futebol-interior-gaucha-ve-futuro-em-xeque.ghtml>. Acesso em: 09 maio 2021.

DECONTO, Eduardo. Estádio de um homem só e atacante na fruteira: como profissionais do futebol sobrevivem à pandemia no RS. *In*: GLOBOESPORTE.COM, 24 jun. 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/campeonato-gaucha/noticia/estadio-de-um-homem-so-e-atacante-na-fruteira-como-profissionais-do-futebol-sobrevivem-a-pandemia-no-rs.ghtml>. Acesso em: 10 maio 2021.

DOMINGUES, M. P.; CAVICHIOLLI, F.; GONÇALVES, C. E. Perspectiva ecológica na determinação de percursos desportivos contrastantes em jovens futebolistas. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, (São Paulo), v. 28, n. 2, p. 249-61, abr./jun. 2014.

FENSTERSEIFER, A. C. B. **Produção científica sobre futebol**: uma investigação do estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil. 2016. 281f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2016.

- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Universidade Estadual do Ceará – UECE. Centro de Educação. 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 48. reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIGLIO, S. S; RUBIO, K. Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, (São Paulo), v. 27, n. 3, p. 387-400, jul./set. 2013.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas S.A. São Paulo, 2008.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD Contínua: painel**. Disponível em: <https://painel.ibge.gov.br/pnadc/>. Acesso em: 11 jun. 2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Desemprego**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em: 06 jun. 2022.
- JÚNIOR, C. C. L. **Atividade física habitual e percepção de qualidade de vida de ex-atletas**. 2013. 70f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2013.
- JÚNIOR, E. T. P. **História de vida de ex-jogadores profissionais de futebol: qual o valor da educação formal?** 2018. 138f. Dissertação (Mestrado em educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2018.
- LIKERT, R. **A technique for the measurment of attitudes**. Archives of Psychology. R.S. WOODWORTH, New York, n. 140, june. 1932.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Trad. Cristina Nunes. 2. ed., 5.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- MARTINS, D; CARVALHO, C. No trilho de uma carreira: oportunidades para jovens institucionalizados em centros educativos portugueses. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP, v. 22, n. 1, p.103-114, jan./abr. 2018.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**. 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- MENEZES, L. **Educação integral e capital futebolístico na formação de jogadores de futebol**. 2013. 93p. Dissertação (Mestrado em sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2013.
- MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) –Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.
- MELO, L. B. S. **A dupla carreira do estudante-atleta: as estratégias de conciliação das rotinas no esporte e na escola**. 2018. 101f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2018.

- MELO, L. B. S *et al.* Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 38, n. 4, p. 400-406, 2016.
- MELO, L. B. S; SOARES, A. J. G; ROCHA, H. P. A. Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, (São Paulo), v. 28, n. 4, p. 617-28, out./dez. 2014.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.
- MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: A compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.
- MORO, E. “**Para quem joga, terminar o ensino médio já é grande coisa**”: o processo de subjetivação do jogador de futebol de base e sua relação com a educação escolar. 2018. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC, 2018.
- MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2014.
- MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- NOGUEIRA, C. J. *et al.* **Precauções e recomendações para a prática de exercício físico em face do COVID-19: uma revisão integrativa**. 2020. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Enfermagem e Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, 2020.
- PNUD. **Relatório do Desenvolvimento Humano 2019: além do rendimento, além das médias, além do presente: desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI**. Copyright @ 2019 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento 1 UN Plaza, New York, NY 10017 USA.
- QUEIROZ, D. T. *et al.* Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **R. Enferm**, UERJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 276-83, abr./jun. 2007.
- ROCHA, H. P. A. *et al.* Jovens esportistas: profissionalização no futebol e formação na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 252-263, abr./jun. 2011.
- ROCHA, Hugo Paula Almeida da. **O futebol como carreira a escola como opção: o dilema do jovem atleta em formação**. 2017. 290f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2017.
- ROTTMANN, H. G. **Mídia e a produção de sucesso no mundo do futebol: uma abordagem a partir dos estudos culturais**. 2012. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS, 2012.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7. ed. 2. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- SAVATER, F. **O valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SAVICKAS *et al.* Projeto de vida: um paradigma para a construção de carreiras no século 21. **Journal of Vocational Behavior**, v. 75, p. 239-250, 2009.

SOARES, A. J. G. *et al.* Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas na escola. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011.

SOUSA, R. S de; GALIAZZI, Maria do Carmo. A categoria na análise textual discursiva: sobre método e sistema em direção à abertura interpretativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo (SP), v. 5, n. 9, p. 514-538, dez. 2017.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra, Portugal: Edições Almedina S. A., 2020.

SPORTSVALUE. **Reporte exclusivo**: mercado latinoamericano de transferencias de jogadores. Abril, 2022.

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Manoel Leão, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Estado do conhecimento

Em razão da temática proposta neste trabalho, envolvendo dois tópicos muito populares e pesquisados no contexto de Brasil, que são o futebol e a educação, encontra-se um número muito elevado de publicações sobre os temas. Devido a isso, foram buscados os meios para a estruturação e elaboração do estado do conhecimento.

O estado do conhecimento que, para Morosini e Fernandes (2014, p. 155),

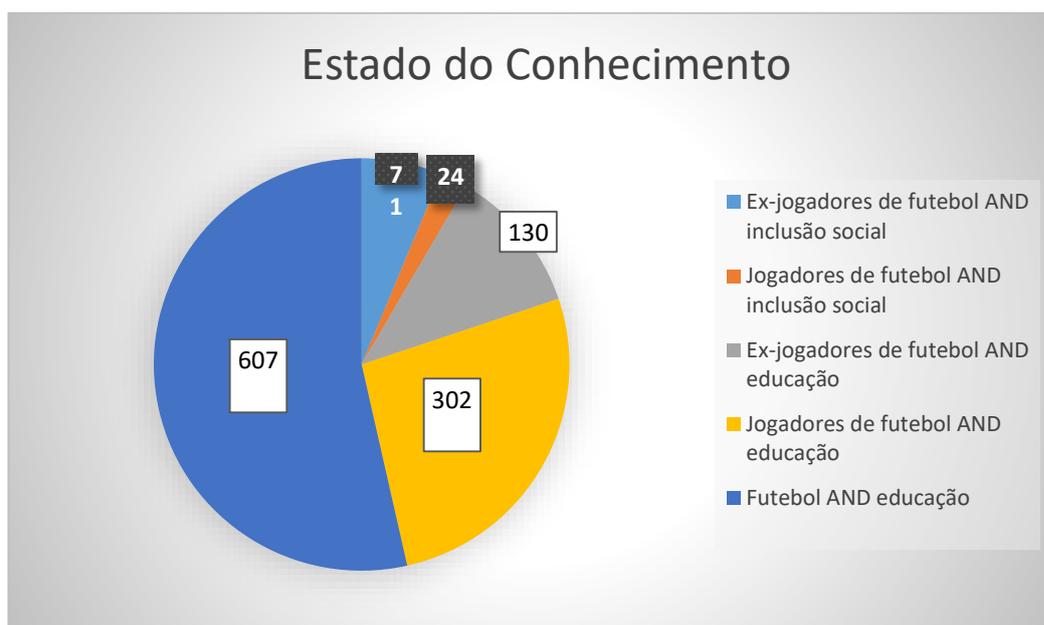
[...] é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica. Uma característica a destacar é a sua contribuição para a presença do novo na monografia. (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 155).

As buscas para a estruturação do presente estudo foram realizadas utilizando os seguintes arranjos de palavras: “Ex-jogadores de futebol AND inclusão social”; “Jogadores de futebol AND inclusão social”; “Ex-jogadores de futebol AND educação”; “Jogadores de futebol AND educação”; “Futebol AND educação”.

Foram analisados os dados da Associação Nacional de Pós-Graduação (ANPED), do portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), tendo sido consideradas as publicações compreendidas no período de 2011 até 2021.

Nas plataformas da CAPES e BDTD, devido ao grande número de publicações, a maioria desconexa com o assunto, foram adicionados os filtros “Ciências Humanas” e “Multidisciplinar” em relação à grande área do conhecimento.

A partir das palavras-chave “Ex-jogadores de futebol AND inclusão social”, “Jogadores de futebol AND inclusão social”, “Ex-jogadores de futebol AND educação”, “Jogadores de futebol AND educação” e “Futebol AND Educação”, obteve-se o resultado a seguir descrito.

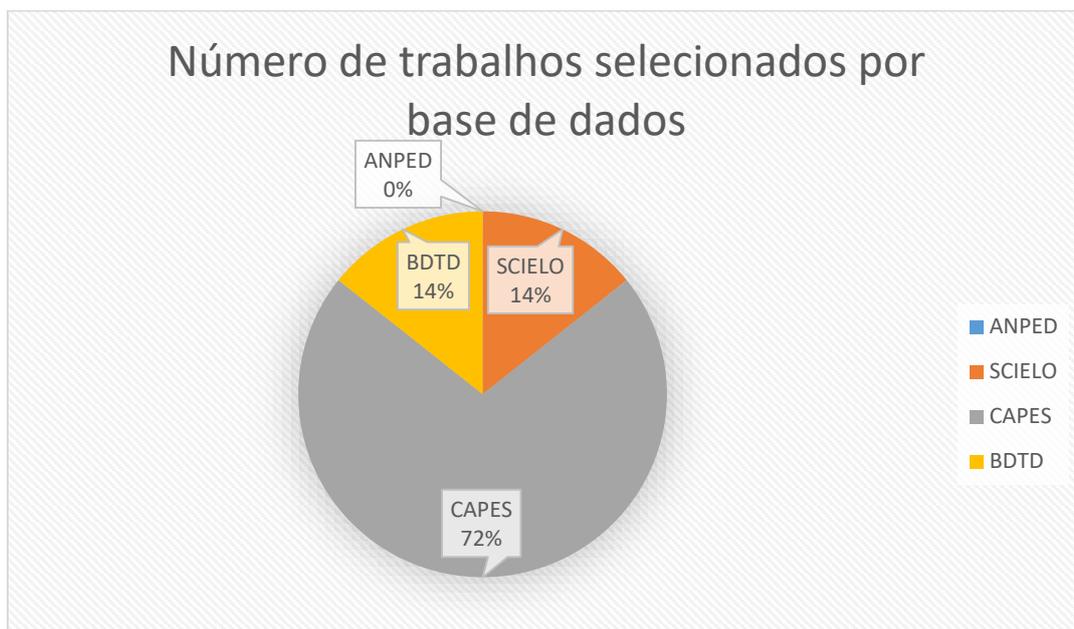
Gráfico 1 - Perspectiva geral do Estado do Conhecimento – todos os descritores

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Após o levantamento inicial do estado do conhecimento, considerando os filtros supracitados, observa-se no gráfico uma presença significativa de pesquisas utilizando o descritor “Futebol AND educação”, representando mais da metade dos trabalhos encontrados. “Jogadores de futebol AND educação” e “Ex-jogadores de futebol AND educação” também apresentaram um número considerável de trabalhos. Já as palavras-chaves “Ex-jogadores de futebol AND inclusão social” e “Jogadores de futebol AND inclusão social” representaram um número menor de trabalhos coletados.

Salientamos que as palavras-chave “educação” e “futebol”, geralmente, estão associadas a um número muito grande de publicações, principalmente “educação”. Em decorrência do achado volumoso de trabalhos, evidencia-se a necessidade de um refinamento muito mais profundo do material selecionado.

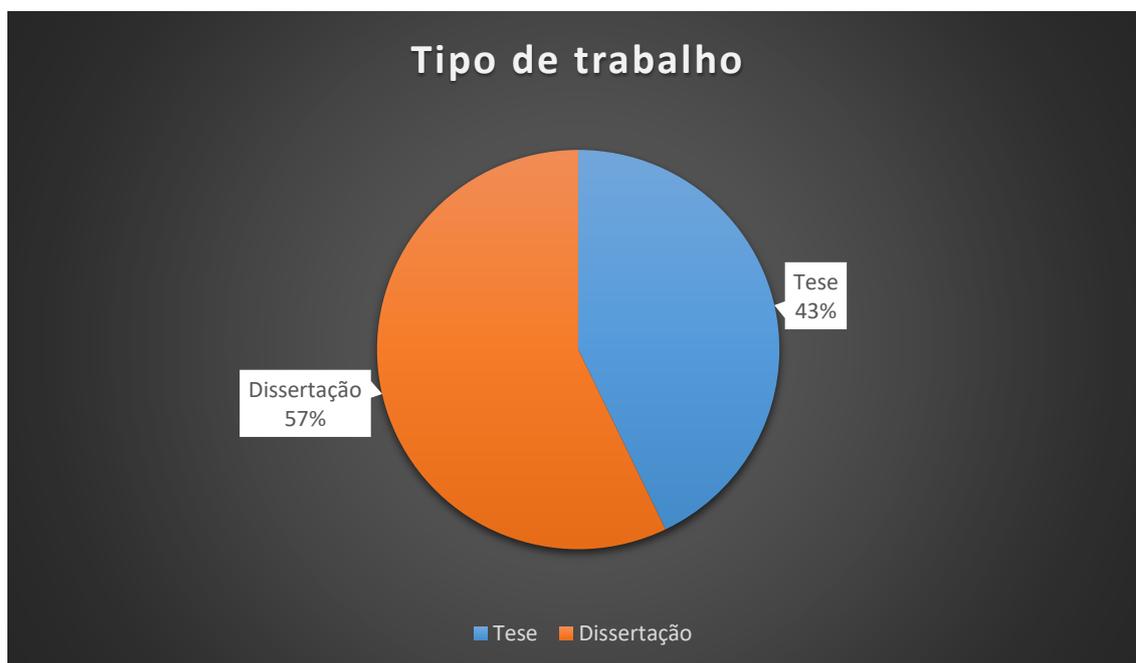
Para melhor selecionar os trabalhos, foram lidos os títulos dos mesmos. Para aqueles em que o título demonstrava relação com o objetivo desta pesquisa, foram lidos os resumos. Em algumas situações, precisou-se ir mais a fundo e foram lidas as introduções. Finalizado esse processo, foram selecionados 21 trabalhos, divididos em dois grupos, sendo um grupo formado por “Produções acadêmicas relacionadas ao tema de pesquisa”, composto por 7 trabalhos, e o outro grupo por “Produções acadêmicas relacionadas indiretamente ao tema da pesquisa”, com 14 trabalhos.

Gráfico 2 - Número de trabalhos selecionados por base de dados

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Na base de dados da ANPED, não foram encontrados trabalhos que atendessem à finalidade do presente estudo. Na plataforma da SciELO, encontramos apenas um trabalho, totalizando 14% dos trabalhos encontrados, mesmo percentual de produções encontradas na plataforma da BDTD, com apenas um trabalho selecionado, representando os mesmos 14% da base de dados anterior.

Já no Portal de Teses e Dissertações da CAPES, encontramos a maioria significativa dos trabalhos, cinco, que representam 72% dos estudos selecionados para esta revisão. Em relação ao nível acadêmico em que cada trabalho foi desenvolvido, apresenta-se, a seguir, no Gráfico 3, essa divisão.

Gráfico 3 - Trabalhos divididos por nível acadêmico

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Dos sete trabalhos selecionados e classificados como “Produções acadêmicas relacionadas ao tema de pesquisa”, quatro são do tipo “dissertação de mestrado” e três do tipo “tese de doutorado”. Os artigos foram analisados, mas não foram selecionados para este referencial teórico.

Das quatro dissertações de mestrado, três foram encontradas na plataforma da CAPES e uma na plataforma SciELO, representando 57% das publicações selecionadas. Em relação às três teses escolhidas, encontramos duas na plataforma da CAPES e a outra na base de dados da BDTD, representando 43% dos trabalhos escolhidos.

Observamos que a quantidade de teses e dissertações quase se equivalem, tendo o grupo das dissertações apenas um trabalho a mais, representando uma diferença percentual de 14%. No Gráfico 4, podemos evidenciar o ano de defesa de cada um desses trabalhos.

Gráfico 4 - Trabalhos selecionados por ano de defesa

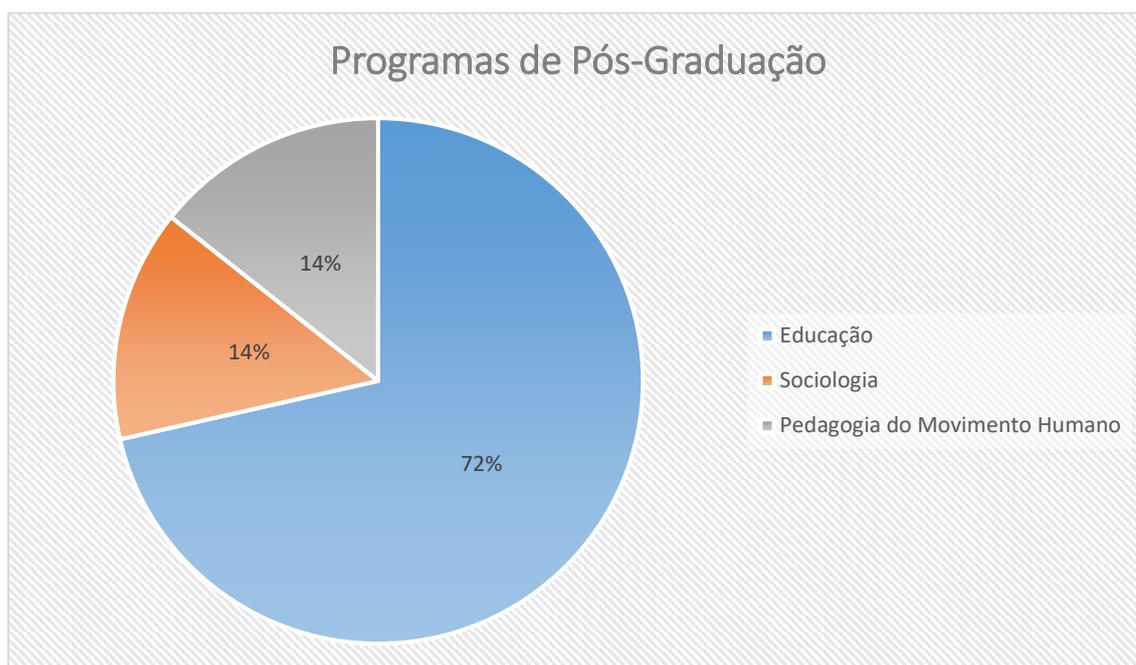
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Para a seleção dos trabalhos, utilizamos como filtro publicações entre os anos de 2011 e 2021. A escolha dessa faixa deu-se, principalmente, por dois motivos: primeiramente, pela atualidade e contexto dos conteúdos neles presentes, já que esses são dois fatores bastante flexíveis, levando em consideração a dinâmica social atual e, também, um estreitamento da pesquisa, já que assim foi possível a análise de um número menor de publicações.

Não foram selecionadas publicações referentes aos anos de 2011, 2015, 2016, 2019, 2020 e 2021 diretamente relacionadas ao tema proposto nesta pesquisa. Os trabalhos utilizados neste referencial datam dos anos de 2012, 2013, 2014, 2017 e 2018. Dos sete trabalhos selecionados, três deles, ou 43%, foram defendidos em 2018. Desses trabalhos, dois são dissertações e um é tese de doutorado.

Os outros quatro trabalhos foram todos defendidos em anos separados. Dos anos de 2012, 2014 e 2017, selecionamos uma tese em cada ano. Dos trabalhos publicados no ano de 2013, escolhemos uma dissertação de mestrado.

Em relação à divisão dos trabalhos de acordo com os programas de pós-graduação em que foram feitas as publicações, apresentam-se os dados no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Divisão dos trabalhos de acordo com o programa de pós-graduação

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Como podemos observar, os trabalhos selecionados por meio da realização do estado do conhecimento mostram-se distribuídos em diferentes áreas do conhecimento. Charlot (2006, p. 9) já dizia que:

Delimita-se assim uma primeira definição da disciplina educação ou ciência da educação: é um campo de saber fundamentalmente mestiço, em que se cruzam, se interpelam e, por vezes, se fecundam, de um lado, conhecimentos, conceitos e métodos originários de campos disciplinares múltiplos, e, de outro lado, saberes, práticas, fins éticos e políticos. O que define a especificidade da disciplina é essa mestiçagem, essa circulação. (CHARLOT, 2006, p. 9).

Neste referencial, os trabalhos encontram-se divididos em três grandes áreas do conhecimento: Educação, Sociologia e Pedagogia do Movimento Humano. Dos sete trabalhos selecionados, a maioria significativa é produzida em programas de pós-graduação em educação, representando cinco produções ou 72% do total. Porém, como supracitado, é um campo do saber caracterizado pela hibridez disciplinar, ou seja, que permite a inclusão de várias outras disciplinas de origem.

Tanto os programas de pós-graduação “Sociologia” como “Pedagogia do Movimento Humano” aparecem com uma produção cada, número esse que representa 14% do total de trabalhos para cada um dos programas. No Quadro 1, apresentamos os trabalhos/produções acadêmicas relacionadas ao tema de pesquisa.

Quadro 1 - Produções acadêmicas relacionadas ao tema de pesquisa.

ANPED					
Título	Autor	Instituição de ensino	Programa de pós-graduação	Tipo de trabalho	Ano de defesa
0	0	0	0	0	0
SciELO					
(1) História de vida de ex-jogadores profissionais de futebol: qual o valor da educação formal?	Edvaldo Torres Pedroza Junior	Universidade Federal de Pernambuco	Educação	Dissertação	2018
CAPES					
(2) Trajetórias educacionais e inclusão social: relatos de ex-jogadores de futebol profissional de Santarém.	Igor Montiel Martins Cunha	Universidade Federal do Oeste do Pará	Educação	Dissertação	2018
(3) Educação integral e capital futebolístico na formação de jogadores de futebol.	Leonardo Menezes	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Sociologia	Dissertação	2013
(4) Esporte do oprimido: utopia e desencanto na formação do atleta de futebol.	Hergos Ritor Froes de Couto	Universidade Nove de Julho	Educação	Tese	2012
(5) O futebol como carreira, a escola como opção: o dilema do jovem atleta em formação.	Hugo Paula Almeida da Rocha	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Educação	Tese	2017
(6) Para quem joga, terminar o ensino médio já é "grande coisa": o processo de subjetivação do jogador de futebol de base e sua relação com a educação escolar.	Eduarda Moro	Universidade Comunitária da Região de Chapecó	Educação	Dissertação	2018
BDTD					
(7) Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol.	Luciana Ferreira Angelo	Universidade de São Paulo	Ciências/ Pedagogia do Movimento Humano	Tese	2014

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O trabalho realizado por Junior (2018) concentrou-se na cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, tendo como seu público-alvo ex-atletas de futebol profissional. Sua pesquisa objetivou esclarecer como se desenvolveu o processo de educação formal e como sua aquisição ou sua falta interferiu no segmento da vida após a carreira, focando, principalmente, na inserção em um novo mercado, evidenciando o valor da educação formal. O autor utilizou-se da história oral, aplicando um questionário semiestruturado para a compreensão da realidade dos sujeitos. Eles foram divididos em dois grupos: no grupo 1, com cinco integrantes, estavam aqueles que possuem pelo menos graduação em alguma área e atuam nela. No grupo 2, com seis atletas, estavam aqueles com ensino médio completo (regular ou supletivo). Os resultados mostram que houve dificuldade de conciliação entre as duas formações para a maioria dos atletas, culminando em atrasos e reprovações, mudanças de turno ou escola e, até mesmo, abandono escolar. Também, observou-se que, quanto mais próximo de se tornar um atleta profissional, maiores as chances de abandono escolar. Concluiu-se que os atletas que obtiveram sucesso após o término da carreira de jogador profissional contaram com o apoio familiar, apoio esse relacionado ao grau de escolaridade dos familiares. No grupo dos ex-atletas que não possuem graduação, notou-se que a ausência ou que os espaços deixados pela educação formal complicaram a readaptação ao mercado de trabalho.

Cunha (2018) entrevistou cinco ex-jogadores de futebol profissional da cidade de Santarém, município localizado no estado do Pará. Foram realizadas entrevistas biográficas, a partir do dispositivo metodológico retrato sociológico⁴. Descobriu-se que a inclusão social dos participantes está muito vinculada às socializações e práticas cotidianas, características da educação informal. A visão mercadológica das instituições de ensino e elementos disciplinadores de educação formal também foram relatados. Confirmou-se a hipótese inicial que indicava a importância da educação formal para a inclusão social dos ex-atletas de futebol, pelo menos na maioria dos casos. O autor recomenda novas pesquisas para o aprofundamento do debate.

Menezes (2013) teve como principal objetivo analisar a formação de jogadores de futebol na perspectiva da educação integral. O autor analisou o programa de formação de jogadores de futebol do Sport Club Internacional, da cidade de Porto Alegre, capital gaúcha, com ênfase nos atletas residentes no alojamento da instituição. Outros personagens da cidade

⁴ Para Cunha (2018), “o retrato sociológico é o método biográfico elaborado por Bernard Lahire que consiste em narrativa da história de vida de um sujeito inserido em determinado grupo social, mas que leve em consideração as peculiaridades da trajetória de cada indivíduo, ponderando dois fatores: 1) as pessoas não ocupam uma única função social; 2) em cada função social, as pessoas adquirem diversas características nem sempre coerentes entre si”. (CUNHA, 2018, p. 15).

de São Paulo também marcaram presença no estudo devido à grande importância econômica e futebolística da região. Não foi possível encontrar, nos processos formativos, atividades que dizem respeito à educação integral. Segundo o autor, pode-se afirmar que esse capital futebolístico que hoje é desenvolvido pelos clubes, marcado pelo controle do indivíduo e de caráter alienante, favorece a troca de clubes, pois limita o entendimento e o raio de ação dos atletas. O autor ainda argumenta que, quanto maior for o fomento a esse capital específico, maior a dificuldade de reconversão e, conseqüentemente, maior vulnerabilidade social, pela falta de conhecimento sobre outros campos da sociedade.

Já Couto (2012) investigou as relações que se estabelecem no processo de seleção e prolongam-se pela formação e profissionalização dos atletas de futebol, averiguando problemáticas que emergem nessas condições, as quais, na maioria das vezes, provocam interrupção tanto para os aspirantes quanto para os já profissionalizados. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de opinião utilizando o método de Likert⁵, com alunos de uma escolinha de futebol franqueada de um grande clube na cidade de São Paulo. Proprietários e pais também participaram. A pesquisa comprovou que, mesmo com grandes níveis de opressão na formação do jogador profissional de futebol, ela não consegue aliená-lo nem silenciá-lo totalmente, ou seja, quanto mais oprimido, mais denunciante ele se torna.

Rocha (2017) utilizou um questionário de estilo survey⁶, com 62 jovens atletas residentes no alojamento de um tradicional clube da cidade do Rio de Janeiro/RJ. Por meio de uma série de entrevistas semiestruturadas, seu estudo teve o objetivo de analisar como os jovens atletas observam as oportunidades de profissionalização, tanto através do esporte quanto da escola, tendo em vista uma estruturação para a trajetória de vida. Funcionários encarregados da intermediação da dupla carreira dos atletas também foram entrevistados. Observou-se que a dupla jornada impunha obstáculos para todas as partes envolvidas (escola, clube e atletas). Percebeu-se, também, que os atletas entrevistados investiam no futebol, pois enxergavam ali uma oportunidade de profissionalização mais executável do que em relação à formação escolar. Sugere-se, também, que o maior investimento na carreira futebolística está relacionado com a falta do mesmo investimento da instituição de ensino na formação dos atletas.

⁵ Escala proposta por Rensis Likert, em 1932, em que os participantes devem informar seu grau de concordância ou discordância com a asserção, indo de “concordo totalmente” até “discordo totalmente”. É atribuído um número correspondente com a afirmação.

⁶ Para Babbie (1999, p. 2), “pesquisa de larga escala, semelhante aos censos, porém examina apenas uma amostra da população. Possui características quantitativas, procurando obter a opinião dos entrevistados por meio de questionário”.

Moro (2018), utilizando o método de cartografia⁷, acompanhou a rotina de jovens jogadores de futebol das categorias sub-15 e sub-17 de uma equipe do futebol brasileiro. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com os atletas, treinadores e outros profissionais do clube. O estudo teve como principal objetivo mapear o processo de subjetivação do jogador de futebol em formação, entendendo como ele produz sentidos acerca da educação escolar. Observou-se que os agenciamentos direcionados aos atletas, durante seu período de formação, contribuem para a limitação da formação educacional do jogador, muitas vezes, realizada na própria instituição, sob a forma das escolas clubísticas, limitando as linhas de fuga, reduzindo a perspectiva do “ser jogador”. Argumenta-se, também, que, sem a mudança de certos agenciamentos, continuaremos com o “Pra quem joga, terminar o ensino médio já é grande coisa”.

Angelo (2014), em seu trabalho, buscou identificar e analisar como se dá o processo de gestão da carreira entre futebolistas olímpicos que tiveram uma carreira longa, partindo da perspectiva da transformação da identidade nos diferentes ciclos que compreendem a carreira do atleta. Foram selecionados 12 atletas, 10 aposentados e 2 em atividade, todos com mais de 33 anos, de diversas regiões do Brasil. Para tal pesquisa, foi utilizado o método de narrativas biográficas de atletas brasileiros que participaram de, pelo menos, uma edição dos jogos olímpicos, entre as décadas de 1960 e 2000. Percebeu-se que a gestão da carreira esportiva baseia-se na relação que o atleta tem com sua carreira subjetiva e com a carreira construída socialmente, ocasionando o conceito da carreira como projeto de vida, seguindo as ideias propostas pelo modelo Life Design⁸.

No Quadro 2, apresentamos os trabalhos/produções acadêmicas relacionadas indiretamente ao nosso tema de pesquisa, mas que também contribuem para o seu enriquecimento.

⁷ “A observação participante é uma das técnicas muito utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação”. (QUEIROZ *et al*, 2007, p. 278).

⁸ “Paradigma proposto por Savickas e colaboradores em 2009. O modelo baseia-se nos modelos de autoconstrução (GUICHARD, 2005) e da construção da carreira (SAVICKAS, 2005) que descrevem o comportamento de carreira e seu desenvolvimento. Assim, a estrutura geral está organizada de maneira a considerar todo o ciclo de vida (vitalícia), vindo a ser holística, contextual e preventiva”. (SAVICKAS *et. al*, 2009, p. 24).

Quadro 2 - Produções acadêmicas relacionadas indiretamente ao tema de pesquisa

ANPED					
Título	Autor	Instituição de ensino	Programa de pós-graduação	Tipo de trabalho	Ano de defesa
0	0	0	0	0	0
SCIELO					
(1) Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade	GIGLIO, Sérgio Settani; RUBIO, Kátia			Artigo	2013
(2) Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola	SOARES <i>et al</i>			Artigo	2011
(3) Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola	ROCHA <i>et al</i>			Artigo	2011
(4) Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro	MELO, Leonardo Bernardes Silva de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; ROCHA, Hugo Paula Almeida da			Artigo	2014
(5) Perspectiva ecológica na determinação de percursos desportivos contrastantes em jovens futebolistas	DOMINGUES, Marcio Pinto; CAVICHOLLI, Fernando; GOÇALVES, Carlos Eduardo			Artigo	2014
(6) Jornada escolar <i>versus</i> tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica	MELO <i>et al.</i>			Artigo	2016
(7) O Índice de Desenvolvimento Humano e a data de nascimento podem condicionar a ascensão de jogadores de futebol ao alto nível de rendimento?	COSTA, Israel Teoldo da; CARDOSO, Felipe da Silva Leite; GARGANTA, Julio			Artigo	2013

CAPES					
Título	Autor	Instituição de ensino	Programa de pós-graduação	Tipo de trabalho	Ano de defesa
(8) Mídia e a produção de sucesso no mundo do futebol: uma abordagem a partir dos estudos culturais	ROTTMANN, Hans Gert	Universidade Luterana do Brasil	Educação	Dissertação	2012
(9) O estudante-atleta: desafios de uma conciliação	CONCEIÇÃO, Daniel Machado da	Universidade Federal de Santa Catarina	Educação	Dissertação	2015
(10) Entre a profissionalização e a escolarização: projetos e campo de possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama	CORREIA, Carlus Augustus Jourand	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Educação	Dissertação	2014
BDTD					
(11) Produção científica sobre futebol: uma investigação do estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil	FENSTERSEIFER, Alex Christiano Barreto	Universidade Federal de Santa Catarina	Educação Física	Tese	2016
(12) Flexibilização escolar a atletas em formação alojados em centros de treinamento no futebol: um estudo na toca da raposa e na cidade do galo	BARRETO, Paulo Henrique Guilhermino	Universidade Federal do Espírito Santo	Educação Física	Dissertação	2012
(13) A dupla carreira do estudante-atleta: as estratégias de conciliação das rotinas no esporte e na escola	MELO, Leonardo Bernardes Silva de	Universidade Federal do Espírito Santo	Educação Física	Tese	2018
(14) Atividade física habitual e percepção de qualidade de vida em ex-atletas	JUNIOR, Clovis Correa Luiz	Universidade Estadual Londrina	Educação Física	Dissertação	2013

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

No Quadro 2, encontram-se as produções acadêmicas relacionadas indiretamente ao tema de pesquisa. No total, foram selecionadas 21 produções, sendo sete artigos científicos, cinco dissertações e duas teses.

Na base de dados da ANPED, não foi encontrada nenhuma produção relevante em relação ao tema de pesquisa, diferentemente da plataforma SciELO, na qual foram encontrados sete artigos científicos. As produções em nível de mestrado e doutorado ficaram reservadas às plataformas da CAPES, com três dissertações, e da BDTD, com duas dissertações e duas teses.

Em relação às teses e dissertações encontradas, constatou-se que seis das sete produções encontradas são oriundas de universidades públicas e apenas uma dissertação foi produzida dentro de uma universidade privada. Em comum entre elas, temos o fato de que todas estão concentradas em instituições de ensino localizadas no Sul do país (4) ou no Sudeste (3). Ainda em relação às teses e dissertações, os programas de pós-graduação foram pouco heterogêneos, sendo três produções vinculadas a programas de pós-graduação em educação e quatro produções que dizem respeito a programas de educação física.

Entre todas as 21 produções relacionadas indiretamente ao tema, houve três produções para cada ano publicadas nos anos de 2014 e 2013 e, nos anos de 2011, 2012 e 2016, houve duas publicações em cada ano e, em 2015 e em 2018, houve uma publicação.

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com os sujeitos da pesquisa

Identificação do participante (opcional):

Data da entrevista:

Tempo de duração:

1. Qual a sua composição familiar?
2. Nos conte um pouco sobre sua trajetória esportiva: início no esporte, clubes e localidades por onde passou em razão da profissão de atleta profissional de futebol.
3. Agora, neste período pós-carreira, em qual área/profissão você continua trabalhando? Conte um pouco em que consiste e como é sua rotina de trabalho.
4. Durante sua trajetória esportiva como jogador profissional, houve atenção da sua parte bem como dos clubes em relação à formação escolar?
5. Você acredita que uma maior formação escolar pode contribuir para o melhor desempenho esportivo? Discorra um pouco sobre isso.
6. No período pós-carreira, qual foi a contribuição da formação escolar para a reinserção em uma nova atividade profissional?
7. Quais as razões que fizeram com que você escolhesse inserir-se em uma nova ocupação?
8. Você acredita que, em razão do sonho de se tornar jogador de futebol, os jovens atletas colocam a educação em segundo plano? E, quando isso acontece, é possível conciliar a rotina treinamentos-estudos de forma adequada?
9. Na sua opinião, qual(is) o(s) grande(s) impacto(s) da educação escolar na carreira e no período pós-carreira como jogador de futebol profissional?

APÊNCIDE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “TRAJETÓRIAS ESPORTIVAS, ESCOLARES E DE VIDA: HISTÓRIA DE EX-ATLETAS DE FUTEBOL PROFISSIONAL”, sob a responsabilidade do pesquisador Guilherme Gritti Pauli e supervisão da pesquisadora orientadora Profa. Dra. Jaqueline Moll, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Departamento de Ciências Humanas, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Frederico Westphalen – RS. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos “Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos”, conforme resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde.

A seguir, apresentamos informações relevantes em relação ao estudo:

- 1. Natureza da pesquisa:** esta pesquisa tem como finalidade investigar quais os impactos da formação escolar na carreira e no pós-carreira do jogador de futebol profissional.
- 2. Participantes da pesquisa:** participarão desta pesquisa ex-atletas de futebol profissional escolhidos segundo os critérios do autor.
- 3. Envolvimento da pesquisa:** ao participar deste estudo, você responderá a uma entrevista e tem liberdade de se recusar a participar ou a continuar participando, em qualquer momento da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser, poderá solicitar maiores informações sobre a pesquisa, através do telefone do pesquisador (54) 99916-0302 e, se necessário, por meio do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa da URI, (55) 3744-9200.
- 4. Sobre as entrevistas:** será realizado o agendamento prévio com data e horário para a realização da entrevista, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados e do pesquisador. As informações serão coletadas no período de outubro de 2021 a maio de 2022 e serão realizadas de forma presencial, observando todas as normas de prevenção ao contágio da Covid-19, ou de forma virtual, via Google Meet. Os dados ficarão arquivados pelo período de cinco anos, sob a guarda do pesquisador, e, passado esse prazo, procederemos ao arquivamento em meio digital.
- 5. Benefícios:** ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com informações que devem acrescentar elementos importantes à literatura, bem como à sua comunidade, a partir do compromisso do pesquisador em divulgar os resultados obtidos por meio da pesquisa.

6. **Riscos e desconfortos:** a pesquisa não apresenta riscos. No entanto, você poderá sentir certo desconforto devido às questões da entrevista e, caso sinta necessidade, é possível pausar a entrevista a qualquer momento ou interromper sua participação. Caso seja identificado algum sinal de desconforto psicológico em sua participação, o pesquisador compromete-se a orientá-lo e encaminhá-lo para os profissionais especializados na área necessária, a fim de prestar-lhe apoio e assistência.
7. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os dados do voluntário serão identificados com um código, sem a publicação de nomes ou outras informações de caráter pessoal. Apenas o pesquisador terá conhecimento dos dados, assegurando, assim, sua privacidade.
8. **Pagamento:** você não terá nenhum tipo de despesa ao autorizar sua participação nesta pesquisa, bem como não receberá nenhuma importância em dinheiro pela sua participação e contribuição.
9. **Liberdade de recusar ou retirar o consentimento:** você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar deste estudo.

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento, de forma livre, na participação desta pesquisa. Para isso, preencha os itens que seguem:

Eu, _____, inscrito no CPF sob o nº _____, telefone para contato nº () _____, após a leitura e compreensão dessas informações, entendo que a minha participação é voluntária e autorizo a execução do trabalho de pesquisa, bem como a divulgação dos dados obtidos neste estudo, sem minha identificação pessoal. Confirmo, ainda, que recebi cópia deste termo de consentimento.

OBS: Não assine esse termo se ainda tiver dúvidas a respeito.

Contatos

Pesquisador Guilherme Gritti Pauli: (54) 99916-0302

Supervisora Profa. Dra. Jaqueline Moll: (51) 99944-3026

Comitê de Ética em Pesquisa da URI: (55) 3744-9200

ANEXOS

ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: TRAJETÓRIAS ESPORTIVAS, ESCOLARES E DE VIDA: HISTÓRIA DE EX-ATLETAS DE FUTEBOL PROFISSIONAL

Pesquisador: GUILHERME GRITTI PAULI

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 53805821.9.0000.5352

Instituição Proponente: Universidade Regional Integrada do A. Uruguai e das Missões - URI -

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.246.291

Apresentação do Projeto:

Parecer versão 2

Objetivo da Pesquisa:

Não foi alterado

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com a Resolução Vigente

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa bem estruturado contempla todos os preceitos éticos e metodológico da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

de acordo com Resolução

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto de pesquisa aprovado de acordo com os preceitos éticos e metodológico da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto de pesquisa aprovado de acordo com os preceitos éticos e metodológico da Resolução nº

Endereço: Av. Assis Brasil, 709
Bairro: Itapajé **CEP:** 98.400-000
UF: RS **Município:** FREDERICO WESTPHALEN
Telefone: (55)3744-9200 **Fax:** (55)3744-9265 **E-mail:** cep@uri.edu.br



Continuação do Parecer: 5.246.291

466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

A realização da pesquisa poderá a qualquer tempo ser suspensa, de acordo os critérios da RES nº 466, no que se refere a exposição dos sujeitos da pesquisa a qualquer tipo de risco a sua integridade física ou emocional.

A(o) pesquisadora(o) deverá encaminhar ao CEP qualquer alteração que vier a ocorrer durante a realização da pesquisa.

A(o) pesquisadora(o) deverá encaminhar ao CEP no final do projeto um relatório final.

A(o) pesquisadora(o) deverá utilizar o TCLE aprovado pelo CEP/URI

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1863116.pdf	23/12/2021 21:02:53		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	CartaDeCorrecoes.docx	23/12/2021 21:01:30	GUILHERME GRITTI PAULI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhadoII.pdf	23/12/2021 20:53:34	GUILHERME GRITTI PAULI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	24/11/2021 02:04:32	GUILHERME GRITTI PAULI	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoAss.PDF	24/11/2021 02:03:21	GUILHERME GRITTI PAULI	Aceito

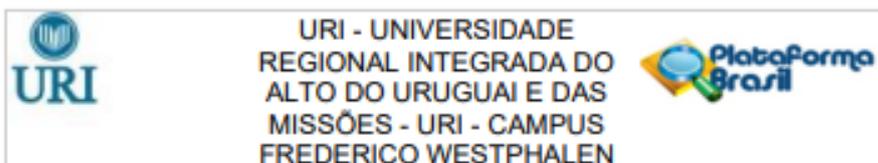
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Assis Brasil, 709
 Bairro: Itapajé CEP: 98.400-000
 UF: RS Município: FREDERICO WESTPHALEN
 Telefone: (55)3744-9200 Fax: (55)3744-9265 E-mail: cep@uri.edu.br



Continuação do Parecer: 5.246.291

FREDERICO WESTPHALEN, 16 de Fevereiro de 2022

Assinado por:
Marines Aires
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Assis Brasil, 709
Bairro: Itapajé CEP: 96.400-000
UF: RS Município: FREDERICO WESTPHALEN
Telefone: (55)3744-9200 Fax: (55)3744-9205 E-mail: oep@uri.edu.br